



Contrabando: ACUSAÇÃO SEM PÉ NEM CABEÇA

As notícias de envolvimento da Cotrijuí no desvio de soja para o Paraguai não são fundamentadas em fatos reais. As informações de uma intervenção na Cooperativa também não passaram de puro boato. Que interesses estão por trás disso tudo?

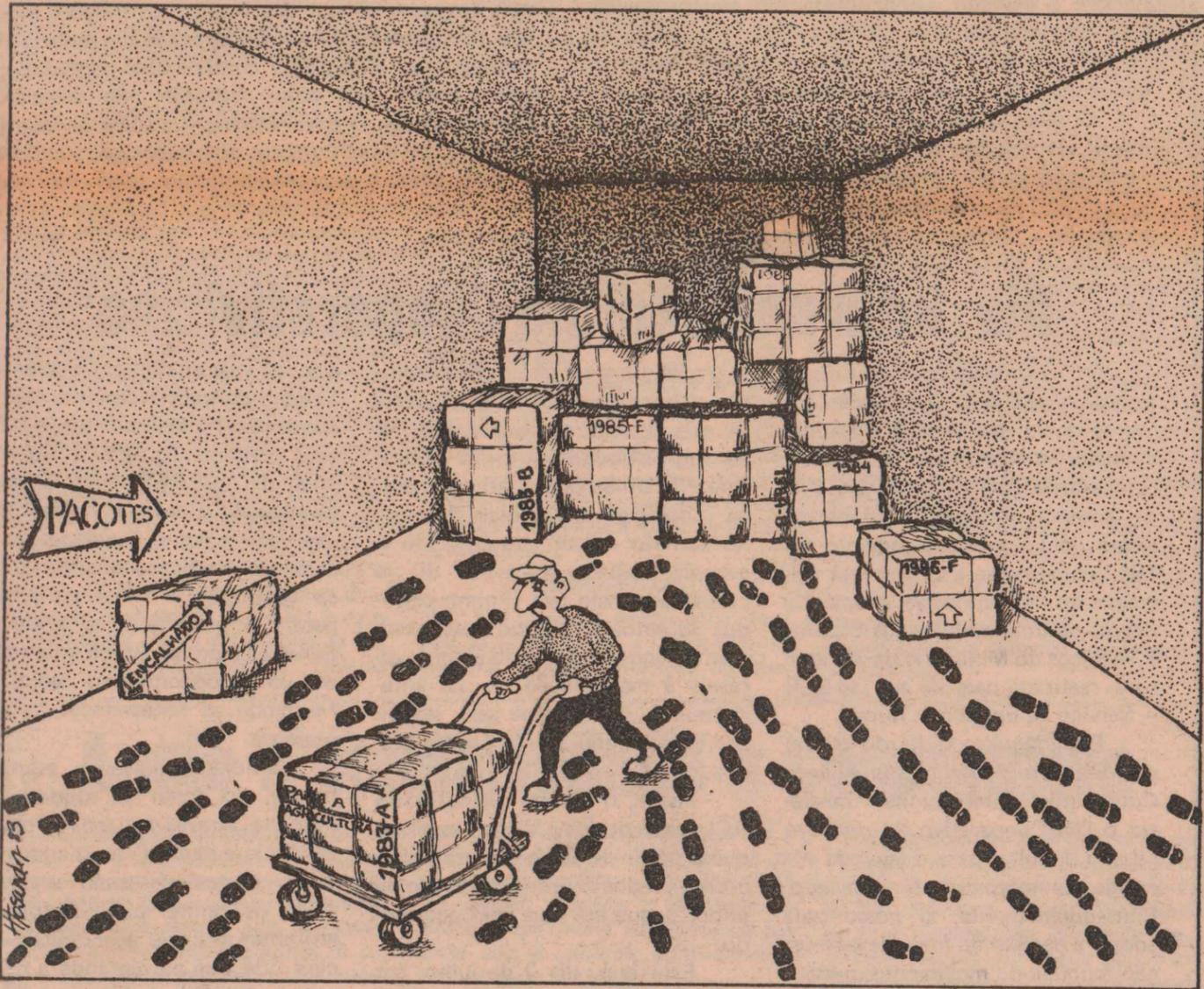
Página 3

LAVOURA: CUSTO SERÁ 180% MAIOR

Última página

MILHO: O RISCO DE UM NOVO CICLO

Página 16



O mais novo pacote anunciado pelo Governo, no início de junho, trouxe várias medidas que atingem diretamente a agricultura. A de maior peso provoca uma nova alteração no crédito rural, que teve mais uma vez reduzidos seus subsídios. Agora, as taxas mínimas de juro para os financiamentos de custeio e investimento deverão chegar perto de 110 por cento. Também foram diminuídos os subsídios ao trigo e ao petróleo, que sofreu um reajuste de 45 por cento nos seus derivados (gasolina, óleo, gás, etc). As lideranças rurais repudiam o conteúdo do novo pacote, que alterou pela quinta vez desde 1979 as regras do jogo para a agricultura.

O PAÍS DO PACOTE

Página central

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513
Caixa Postal 111 - Ijuí, RS
Fone: PABX - (055) 332-2400
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente:
Ruben Ilgenfritz da Silva
Vice-presidente:
Arnaldo Oscar Drews
Superintendente:
Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Oswaldo Olmiro Meotti, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Renato Borges de Medeiros.

Conselheiros (Efetivos)

Waldemar Michael, Walter Luiz Driemeyer, Arnaldo Hermann, Telmo Roverno Roos, Joaquim Librelotto Stefanello, Reinhold Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Rodolfo Gonçalves Terra, Euclides Marino Gabbi, Constantino José Goi, Vicente Casarin, Ido Marx Weiller, Erni Schünemann.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Rui Adelino Raguzzoni, Mário Hendges, Leonides Dallabrida.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Carlos Alberto Fontana, Paulino Ângelo Rosa, Aquilino Bavaresco.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Maracajú - Sede	65.000 t
Maracajú - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	25.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradinha	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guaíba	42.500 t
Ponta Porã	29.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da



Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9.

Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776, de 13.11.73.

REDAÇÃO

Christina Brentano de Moraes
Dária C. Lemos de Brum Lucchese

Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí, e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

Ao leitor

A administração por pacotes tem caracterizado a condução da política econômica brasileira nos últimos anos. Só para a agricultura, por exemplo, estes conjuntos de medidas já foram adotadas por cinco vezes desde 1979, sempre alterando as normas do crédito rural, numa crescente retirada dos subsídios a esta área. O último pacote só veio confirmar esta tendência, conseguindo descontentar todas as lideranças rurais do País. Também entre os economistas existe uma quase unanimidade em contestar a política adotada, pelo impacto negativo que ela seguramente irá provocar.

A agropecuária gaúcha, de acordo com um documento elaborado pela Fetag, Farsul, Fecotrigo, Fearnroz, Fecocarne e Fecolã - representando todos os segmentos de produção - faz severas críticas às medidas econômicas do último pacote. O documento foi publicado nos principais jornais de Porto Alegre, e manifesta a inconformidade do setor primário com estas medidas, "por considerá-las lesivas aos interesses dos produtores rurais, numa hora em que elevados prejuízos, em fase final de quantificação, frustraram significativamente as safras de soja, arroz, milho e feijão, ocasionando inclusive a perda total de pequenas lavouras".

As Federações inclusive fazem sua previsão sobre os reflexos dessas medidas: imediata elevação dos custos de produção pelo aumento dos derivados do petróleo; violento aumento dos custos financeiros; inviabilidade das exportações de produtos primários; pela exagerada elevação dos custos internos, anulando os pretendidos efeitos do imposto de exportação, compelindo o governo a criar substanciais compensações para competir no mercado internacional; redução da produtividade da lavoura, pelo exagerado aumento dos adubos, fertilizantes e defensivos.

O pacote ocasionará ainda, de acordo com a análise das federações, o "envelhecimento e conseqüente redução da capacidade do parque de máquinas e equipamentos agrícolas; aumento do êxodo rural pela redução do emprego no campo, provocado pela dimi-

nuição das áreas de cultivo". Elas expressaram também a opinião de que o limite quantitativo de crédito não trará nenhum benefício para o agricultor, "permitindo somente maior participação dos bancos particulares nos financiamentos ao produtor, mas continuando este sem condições de enfrentar o alto custo desse dinheiro".

No final do documento, é concluído que "os efeitos desse danoso pacote decorrem exatamente das decisões tomadas pelo Governo sem querer ouvir as classes produtoras. É lamentável que essas medidas de maior repercussão para a produção agropecuária nacional não sejam previamente submetidas a um consenso junto de todos os segmentos atingidos pelas decisões do Conselho Monetário Nacional".

As lideranças rurais, inclusive, deram início a um movimento de defesa dos interesses da agropecuária gaúcha. A consciência geral é de que a atual política para o setor agrícola inviabiliza a produção. Existe a intenção de negociar com o Governo Federal, exigindo uma mudança que valorize a produção e dê estabilidade a quem trabalha na agricultura. Veja na matéria publicada a partir da página 9.

A Cotrijuí levará até as últimas conseqüências a apuração dos fatos que levaram a uma denúncia de que a cooperativa estaria envolvida em contrabando de soja para o Paraguai. Esta acusação é veemente contestada, pois jamais a entidade envolveu-se em operações ilegais de comercialização, como foi noticiado amplamente pela imprensa nacional no final do mês de junho. Todos os documentos fiscais e contábeis da cooperativa estão à disposição das autoridades federais para as análises consideradas necessárias, e comprovarão que estas acusações são levianas e improcedentes. O envolvimento do nome da Cotrijuí seguramente é mais um dos obstáculos que a entidade - assim como o cooperativismo em geral - irá superar, e antes de nos dividir, irá nos fortalecer. Veja na página 3.

Dia Internacional do Cooperativismo

O Dia Internacional do Cooperativismo ou Dia da Cooperação, foi instituído no ano de 1923, durante o histórico congresso da Aliança Cooperativa Internacional. No Brasil, embora praticado o cooperativismo de longa data, somente em 1942 começou-se a comemorar oficialmente a expressiva efeméride depois de uma reunião dos Estados e Técnicos do Ministério da Agricultura, realizada naquele ano no SER - Serviço de Economia Rural.

Em congresso realizado no ano de 1949, em Estocolmo, a Aliança Cooperativa Internacional transferiu o Dia Cooperativo do primeiro sábado de julho para o segundo domingo de setembro de cada ano. Conseqüentemente, o nosso país aderiu a decisão do mais elevado órgão mundial do movimento, passando então a comemorá-la, a partir do ano de 1950, na data em apreço.

Entretanto, tendo-se em vista as divergências de opiniões havidas sobre a data da mencionada come-

moração, uma vez que o dia escolhido - domingo - ofereceria uma série de dificuldades, resolveu a ACI, fazer um plebiscito em torno da proposta da União Cooperativa Britânica (Cooperative Wholesale Society) no sentido de ser restabelecido o primeiro sábado de julho, dia já consagrado pelo uso. Foram colhidos 39 votos a favor do restabelecimento, enquanto que 33 eram favoráveis à manutenção do dia anteriormente sugerido, ou seja, setembro de cada ano a data Comemorativa.

Assim, o Comitê Executivo da ACI, reunido em Viena, resolveu que a partir de 1953, o evento seria comemorado no primeiro sábado de julho, o que até hoje vem ocorrendo.

Este ano, dia 2 de julho, em meio a confusão reinante, em que vemos os nossos governantes a braços com problemas realmente difíceis de resolver, os obreiros do Cooperativismo continuam firmes no

esforço ingente de fazer algo em benefício da pátria comum, não só moral como materialmente, e é com este pensamento que a Diretoria atual da OCERGS, embora vendo diversas de suas filiadas, assoberbadas com tantas dificuldades de ordem econômica ou financeira, busca adaptar-se à atual conjuntura para que possa a curto prazo ver florescer e prosperar em nosso Estado um cooperativismo sadio, enfrentando as necessidades da hora presente.

Doutrina baseada, essencialmente, no poder da solidariedade humana, através dos anos de prática continua e persistente, o cooperativismo parece-nos como a melhor saída de caráter pacífico, para se enfrentar as crises econômicas e sociais que vem enfrentando a humanidade de hoje, e dela sairá vencedora, como já saiu no passado em outras situações semelhantes.

Bel. Nestor Braz de Oliveira
Supervisor administrativo da OCERGS

A assinatura do Cotrijornal tem o custo anual de Cr\$ 2.000,00. Este valor deve ser enviado em cheque nominal para a Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda. - Cotrijuí - Rua das Chácaras, número 1513 (Caixa Postal, 111) - Ijuí - RS - CEP 98.700.



NUNCA SE FEZ CONTRABANDO

A notícia caiu como uma bomba durante uma reunião dos representantes da Unidade de Ijuí. Mas a apreensão, frente à ameaça de intervenção na Cotrijuí por acusações de envolvimento em contrabando de soja no Mato Grosso do Sul, não durou muito tempo para ser completamente dissolvida. O vice-presidente da Cooperativa, Arnaldo Drews, convocado para explicar o que estava acontecendo, negou com ênfase qualquer tipo de operação ilegal na comercialização realizada pela Cotrijuí, seja no Mato Grosso, seja em outra regional.

Foi também com espanto que a própria direção da Cooperativa ficou sabendo desta notícia. Aliás, a informação chegou pela imprensa e não por qualquer órgão oficial. Quem divulgou que a Cotrijuí estaria envolvida em contrabando de soja para o Paraguai — e, por isto, sujeita à intervenção federal, — foi a Agência Globo, do Rio de Janeiro, a partir de informações da Polícia Federal em Ponta Porã, município que fica na fronteira com o Paraguai. Dos teletipos da Agência Globo, a notícia ganhou repercussão nacional. Todos os órgãos de imprensa de circulação expressiva divulgaram o fato, imediatamente desmentido pela Cotrijuí.

ACUSAÇÕES LEVIANAS

“Jamais as coisas poderiam ser colocadas neste nível”, desabafa o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva. “A Cotrijuí nunca fez qualquer tipo de operação ilegal, sonegando impostos ou outras obrigações fiscais. Somos inclusive a empresa que mais recolhe ICM (Imposto de Circulação de Mercadorias), no Mato Grosso do Sul, e recebemos nos dois últimos anos distinção do governo estadual como campeões na arrecadação deste imposto”.

As acusações são leviandas e imprecisas, segundo Ilgenfritz, não admitindo que a cooperativa seja responsabilizada pelo destino que as empresas com as quais a Cotrijuí comercializa a soja dão ao produto adquirido. De acordo com as acusações, este desvio teria sido realizado através de duas empresas fantasmas (funcionando ilegalmente), chamadas Rosgap e Agro-Brasil, com a colaboração da Comercial Mato-grossense de Gêneros

Alimentícios, esta uma empresa legalmente instalada em Ponta Porã. A informação da Polícia Federal, que está desencadeando todo um processo de controle de contrabando na região, é de que foram apreendidas entre os dias 15 e 17 de junho 3.766 toneladas de soja, avaliadas em Cr\$ 320.120.370,00, que eram acompanhadas de notas fiscais emitidas pela Cotrijuí. No total, teriam sido vendidas pouco mais de 15 mil toneladas para as duas empresas. Nas declarações que deu à imprensa, o presidente da Cotrijuí esclareceu:

— Todas as transações comerciais efetuadas pela Cotrijuí são com empresas que apresentaram documentação exigida por lei, e nós recolhemos os tributos devidos. Só não exigimos, porque nunca fomos alertados para isso, o destino que estas empresas dão ao produto adquirido. Acho até ser uma tarefa que não nos cabe.

VÍTIMA DO CONTRABANDO

A Cotrijuí inclusive se considera uma vítima do contrabando que acontece na região, pois deixou de receber muito produto de associados que foram seduzidos pelos ganhos que este desvio proporciona (o pagamento é feito em dólar, pelo valor do câmbio negro, e isento do recolhimento de 16% do ICM). O diretor da Regional do Mato Grosso do Sul, Nedy Rodrigues Borges, calcula que quase 50 mil toneladas de soja dos associados da Cotrijuí foram desviados para este mercado nos últimos quatro meses. Esta cifra representa a diferença entre a previsão de recebimento de produto na Regional, que chegava a 300 mil toneladas em janeiro, e o resultado final da safra, que ficou em 250 mil toneladas.

Outro ponto que não pode ser esquecido, é que a contabilidade de uma cooperativa não permite o registro de receitas que não tenham sua origem discriminada. Desta forma, a entidade não teria como se beneficiar dos lucros de um contrabando onde, obviamente, não é fornecida nota fiscal.

INTERESSES FERIDOS

“Só podemos atribuir estas acusações ao incômodo que a Cotrijuí deve representar a alguns interesses no Mato

Grosso do Sul”, diz Ilgenfritz. “Ano passado tivemos uma produção recebida de 386.903 toneladas de produtos agrícolas, o que representa mais de 20 por cento da produção total do estado. E isto foi conseguido em pouco tempo, pois atuamos no Mato Grosso do Sul apenas a partir de 1978. Este ano já recebemos 270 mil toneladas de produto, somando soja, arroz e milho, com um faturamento até agora de Cr\$ 15 bilhões, devendo chegar no final do ano com Cr\$ 50 bilhões ou mais. Temos instalações em 15 pontos diferentes da região, e contamos com 3.731 associados neste exercício. Isto deve estar incomodando alguém”.

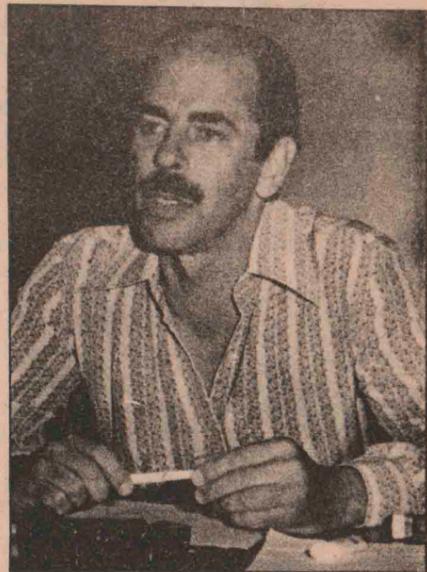
Além de tentar prejudicar a imagem da Cotrijuí, este tipo de acusação tem reflexos negativos em todo sistema cooperativista, que sofre periódicas campanhas de contestação por parte de empresas mercantis. Entretanto, isto é encarado pelo presidente Ilgenfritz como “mais um obstáculo que colocam no nosso caminho, e mais do que nos denegrir, nos fortalece. A confiança do associado não foi abalada. Tanto, que a vida da Cooperativa continuou normal em toda região, e ninguém apareceu para tirar ou liquidar produto por temer alguma atitude que comprometesse a entidade”.

APURAR RESPONSABILIDADES

O único desejo, agora, é o esclarecimento final do que realmente aconteceu, “e para isto iremos até as últimas consequências”, diz o presidente. Na eventualidade, inclusive, de ser comprovado qualquer envolvimento de funcionários neste tipo de operação, serão tomadas as medidas necessárias.

— Não temos nenhuma razão para não punir os eventuais responsáveis, e assumir publicamente a culpa. Não temos qualquer constrangimento em colocar os registros fiscais e contábeis à disposição para qualquer análise.

A Diretoria Regional do Mato Grosso, inclusive, está colaborando com a Polícia Federal para a apuração de todos os fatos. Além disso, se buscará, por todos os meios, a reparação dos danos que a Cooperativa está sofrendo com estas falsas acusações.



Ruben: muita leviandade

A nota divulgada

Através da Diretoria Regional do Mato Grosso do Sul, foi distribuída à imprensa uma nota oficial, assinada pelo diretor Nedy Rodrigues Borges, onde a Cooperativa tomou uma posição a respeito do envolvimento do seu nome nas acusações de contrabando. A nota é a seguinte:

Em razão das informações veiculadas pela imprensa brasileira, sobre possível envolvimento da Cotrijuí em contrabando de soja, cabe esclarecer que:

- 01 — A Cotrijuí, usando dos direitos previstos na legislação brasileira vigente, vem comercializando a produção recebida de seus associados com firmas legalmente constituídas;
- 02 — É de pleno conhecimento das autoridades constituídas todas as entregas de mercadorias, através do fornecimento periódico de documentos evidenciadores das transações ocorridas;
- 03 — As autoridades constituídas sempre tiveram e continuam a ter livre acesso a quaisquer documentos ou informações a respeito de todas as transações comerciais realizadas pela Cotrijuí;
- 04 — Não cabe à Cotrijuí opinar a respeito da idoneidade de qualquer uma das empresas com as quais mantém transações comerciais, assim como referentemente à destinação da mercadoria;
- 05 — No intuito de manter o bom nome conquistado nos seus 26 anos de atividade, com muito labor e sempre dentro dos parâmetros legais, não permitirá a Cotrijuí, sob hipótese alguma, que o seu patrimônio moral seja denegrido com informações totalmente infundadas, como as veiculadas;
- 06 — A Cotrijuí se resguarda do direito de tomar as medidas judiciais que o caso requer, no sentido de reparar os danos sofridos em decorrência das irreais notícias.

Apoio e solidariedade à Cooperativa

Durante todo episódio, a Cotrijuí recebeu diversas manifestações de solidariedade, num reconhecimento do trabalho desenvolvido há 26 anos e do comportamento da Cooperativa durante todo este período. Estas manifestações partiram de outros dirigentes de cooperativas, de autoridades do Governo Federal, de deputados, e de bancos.

O ministro da Agricultura, Amaury Stabile, por exemplo, disse que sua posição é de tranquilidade, pois seja o que for apurado, não poderá desabonar a Cotrijuí, e sim as pessoas envolvidas nesta transação. Tanto ele como o ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, não acreditam nesta versão de contrabando envolvendo a Cotrijuí, considerando inclusive que houve leviandade na acusação. O

ministro da Justiça se comprometeu a apurar os responsáveis pela denúncia, segundo promessa feita ao deputado Emídio Perondi. Também o presidente do BNCC, Byron Coelho, manifestou sua surpresa com a acusação, solidarizando-se com a direção da Cotrijuí.

REPERCUSSÃO NO CONGRESSO

A denúncia foi discutida durante uma reunião, em Brasília, da Frente Parlamentar Cooperativista, que reúne 78 deputados e senadores dos vários partidos políticos e as federações cooperativistas do País. Os parlamentares repudiaram a acusação, e também o secretário-geral do Ministério da Agricultura, José Ubirajara Timm, presente à reunião, afirmou não acreditar que ela tenha procedência.

A notícia teve ainda repercussão no Congresso, onde houve manifestações de apoio à Cotrijuí. O deputado Aldo Pinto, do PDT, protestou contra a onda dirigida ao setor cooperativista, lembrando que a Cotrijuí “bancou por muitos anos as exportações brasileiras, e foi também aquela que, de uma forma pioneira, incentivou o mais profundo sentimento de cooperativismo”. Siegfried Heuser, do PMDB, interpretou a denúncia como dirigida a comprometer todo sistema cooperativista, “ou é movida por interesses de fundo político contra o Rio Grande do Sul”. A solidariedade também foi prestada pelo deputado catarinense Casildo Maldaner, do PMDB, que não acredita na acusação e espera um esclarecimento do caso o mais breve possível.

A PRORROGAÇÃO DAS DÍVIDAS DA FRUSTRAÇÃO

As dívidas de quem não conseguiu colher a soja serão mais uma vez prorrogadas pelo Governo Federal, mas sem as concessões que vem sendo reivindicadas pelos produtores. Mesmo que as orientações bem explicitadas ainda não tenham chegado às agências bancárias, já foi definido que o prazo para o pagamento destas dívidas fica retardado para o próximo ano.

Quem não conseguiu nem ao menos cobrir o financiamento, e fez solicitação de Proagro, fica com o saldo devedor e mais os juros prorrogados até a próxima safra de soja. A maioria dos contratos tem cobertura de 70 por cento de Proagro, e como saldo devedor ficam os 30 por cento restantes. O juro desta prorrogação será o mesmo daquele contratado quando feito o financiamento, que foi de 45 por cento.

O JURO DO CONTRATO

As demais dívidas que ficaram para trás — como a frustração do trigo e da soja das safras 82 — e ainda os financiamen-

tos de investimento também ficam prorrogados até a próxima colheita de soja. A cobrança de juros também obedecerá os percentuais contratados na época do financiamento (há casos de 28, 33 e 38 por cento, anteriores às penúltimas alterações nas taxas de juro do crédito agrícola).

A situação dos produtores ainda está sendo analisada pelos bancos, e todo este processo deverá ser muito demorado, já que as revisões são feitas caso a caso para identificar quem realmente não colheu o suficiente para cobrir seus compromissos.

Até o final de junho, quando do fechamento desta edição, ainda não fora decidida a concessão de um crédito de emergência para socorrer os produtores que tiveram problemas com as cheias em todo Sul do Brasil. Este crédito está sendo reivindicado, a juros baixos ou mesmo sem juros, pelos produtores que não financiaram as lavouras e não conseguiram colher, pois sua sobrevivência fica praticamente impossível até a próxima safra.



Os casos estão sendo analisados individualmente

Uma questão delicada: a multa da soja futuro

Na área de decisão da Cooperativa ainda há indefinições sobre o que fazer na área de comercialização, onde alguns contratos de soja futuro não foram cumpridos pelos associados. A situação é muito delicada, como explica o vice-presidente Arnaldo Oscar Drews, ainda mais porque a safra ainda não foi totalmente encerrada. Na Unidade de Ijuí, por exemplo, 26 por cento dos contratos não tinham sido integralmente cumpridos até o mês de junho. Em alguns casos faltava pouca soja para completar as quantias comprometidas na contratação desta modalidade, mas em outros pouca ou nenhuma soja foi entregue pelos associados para cobrir o compromisso.

Estes casos estão sendo analisados individualmente, buscando uma solução satisfatória para o problema. A direção da Cooperativa recebeu inclusive a reivindicação de

perdoar as multas de 30 por cento nos casos de contratos de até 300 sacos. A justificativa deste pedido é baseada no fato de que os pequenos produtores que não conseguirem colher, terão a sobrevivência da família comprometida com mais este problema na comercialização. Nem a transferência da multa para a próxima safra será capaz de resolver a questão.

Esta transferência, entretanto, é a alternativa que tem se mostrado mais viável. O perdão, puro e simples, segundo o vice-presidente, pode representar uma injustiça para aqueles produtores que se viram na contingência de cumprir o contrato, apelando até mesmo para a transferência de produto entregue por outros familiares. A decisão sobre a soja futuro, entretanto, somente deverá ser tomada na próxima reunião do Conselho de Administração, marcada para meados de julho.

CONGRESSO DO ARROZ: A PREOCUPAÇÃO COM O CUSTO DA LAVOURA

O XX Congresso Estadual de Economia Orizícola, realizado em São Gabriel nos dias 24, 25 e 26 de junho, comprovou que este é o principal fórum de discussões dos produtores de arroz do Rio Grande do Sul. Questões polêmicas, como a extinção do IRGA (Instituto Rio-Grandense do Arroz), as importações de produto, e ainda o sistema de crédito agrícola, dominaram as discussões no plenário, que reuniu quase mil produtores gaúchos.

Se a maior polêmica foi a extinção do IRGA, a principal preocupação envolveu o aumento dos custos financeiros da agricultura, aparecendo a inconformidade com os novos encargos financeiros estabelecidos pelo último pacote econômico. Uma das proposições aprovadas no Congresso reivindica um novo critério de classificação dos produtores rurais na obtenção do crédito, para dessa forma tentar amenizar o impacto que as novas taxas de juro terão sobre o custo da lavoura, (veja na página central). A proposta é que os produtores sejam classificados por área cultivada, e não pelo critério em vigor, que é o renda bruta obtida no ano anterior. A sua reivindicação é que seja considerado como mini-produtor quem cultiva até 15 hectares; pequeno produtor, nas áreas de 16 a 50 hectares; médio produtor, de 51 a 320 hectares; e grande produtor, mais de 320 hectares.

Esta proposição, encaminhada imediatamente às autoridades, inclui ainda alterações na concessão do VBC (Valor Básico de Custeio) para quem sofreu frustração de safra. A reivindicação é que seja concedido um VBC integral para quem perdeu 30 por cento ou mais da colheita esperada, independentemente da sua classificação de produtor. Nos casos de frustração entre 10 e 30 por cento, o pedido é de 100 por cento do VBC para mini e pequenos produtores, 90 por cento para os médios, e 80 por cento para os grandes.

DISCIPLINAR IMPORTAÇÕES

Na área de comercialização foi aprovada uma proposição da Fearroz (Federação das Cooperativas de Arroz) que tem o objetivo de disciplinar as importações do produto. Caso elas se tornem necessárias, deverão atender alguns requisitos: a entrada física deste produto não pode ocorrer antes do final do quarto trimestre do ano (ou seja, antes de outubro); a importação não supere os limites das necessidades de consumo interno; que a operação seja livre para todos os que desejarem concorrer, exceto órgãos ou empresas estatais federais.

Outra proposição recomenda a criação de um seguro agrícola baseado na produtividade da lavoura, e que adote como critério de cálculo o volume de produção por hectare declarado pelo produtor. Também foi aprovada a reivindicação que os direitos previdenciários para o trabalhador rural se equiparem aos benefícios já concedidos aos trabalhadores urbanos. Foi decidido inclusive encaminhar subsídios ao Governo Federal para que tomem as providências necessárias para que isto efetivamente aconteça.

A POLÊMICA DO IRGA

Os maiores debates do Congresso envolveram a proposição de extinguir o IRGA, para que a entidade fosse transformada num órgão autônomo e dirigido pelos próprios produtores. As críticas contra a atuação do Instituto, entretanto, foram habilmente esvaziadas pelo governo Jair Soares, que anunciou durante o Congresso que o Estado vai tornar o IRGA independente dos recursos do Governo Federal. O governador afirmou inclusive que será criado um esquema próprio de armazenagem de arroz (e também de carne), controlado pelo governo estadual. O IRGA, agora com nova administração, acabou saindo fortalecido do Congresso, recebendo inclusive um voto de confiança dos próprios responsáveis pela apresentação da proposta de sua extinção.

HOSPITAL BOM PASTOR S.A.

Av. David José Martins, 1.376 — IJUÍ — RS — Ao lado da Rádio Repórter
Fone: 332-332-2690

ESTÁ ABERTO A TODA A COMUNIDADE

- Internações em caráter: PARTICULAR, IPE, UNIMED, INPS e FUNRURAL
- Atendimento médico nas áreas de: CLÍNICA MÉDICA, CIRURGIA, PEDIATRIA, GINECOLOGIA e OBSTETRÍCIA.
- Serviço de ENDOSCOPIA e ENDOFOTOGRAFIA DIGESTIVA.
- PLANTÃO MÉDICO: Consultas nas 24 horas do dia, inclusive sábados, domingos e feriados.

SOJA: ESCASSEZ GENERALIZADA

Quanta semente de soja o produtor guardou em casa para o plantio da próxima safra? Mesmo com a frustração, alguns conseguiram reservar parte da colheita para usar como semente no plantio que inicia em outubro. Mas qual é esta quantidade? E que variedades o produtor conseguiu guardar? Estas perguntas dificilmente serão respondidas até a formação da próxima lavoura, e enquanto isto, permanecerá a dúvida sobre a real necessidade de semente que precisará ser comercializada.

Na Região Pioneira da Cotrijuí, por exemplo, o planejamento da safra passada previa o recebimento de 400 mil sacos de semente, já prevendo a transferência de 100 mil sacos para a Regional do Mato Grosso do Sul (onde o clima, por ser muito seco, não permite a produção de semente). Na hora de fazer a contabilidade do recebimento, entretanto, foram computados apenas 200 mil sacos de produto, representando uma quebra de 50 por cento nas estimativas iniciais. E isto que é preciso ainda considerar, segundo o agrônomo Francisco Tenório Falcão Pereira — responsável pelo setor de sementes da Cotrijuí na Região Pioneira — as quebras que seguramente irão ocorrer na hora de beneficiar este produto. Parte da semente será condenada por baixa germinação, outra parte por mistura varietal, etc. Líquido mesmo, deverão sobrar cerca de 130 mil a 140 mil sacos de semente, o que é insuficiente apenas para as necessidades da Região Pioneira. Diz o Francisco:

— No ano passado, nós comercializamos 190 mil sacos de semente só aqui na Região. Mesmo supondo que a área de plantio possa diminuir, em função de um aumento na área de milho, a semente que temos ainda não será suficiente. E isto que já o atendimento dos 100 mil sacos de semente para o Mato Grosso do Sul, que terá que procurar o produto em outras regiões.

FALTA GENERALIZADA

A falta de semente é generalizada em todo Rio Grande do Sul, e mesmo no País. A Fecotrigo inclusive fez uma reunião com as cooperativas filiadas, isto no dia 24 de junho, onde um levantamento preliminar indicou um déficit, só nas cooperativas de 775 mil sacos de soja em relação ao que foi comercializado no ano passado. A dúvida de quanto o produtor guardou também existe em todo estado, especialmente depois que uma desburocratização do crédito liberou o uso de semente própria na concessão dos financiamentos de custeio.

Nas estimativas feitas pelos técnicos, os produtores gaúchos podem ter armazenado, em seus galpões cerca de 400 mil sacos de semente, o que ainda se mostra insuficiente para as necessidades de plantio. E o pior é que o maior déficit é exatamente o de sementes de variedades semi-tardias e tardias, as mais atingidas pela frustração. No cálculo dos departamentos técnicos das Cooperativas, 85 por cento da semente que está faltando é exatamente de variedades destes ciclos.

Os números relativos às sementes recebidas pela Cotrijuí também comprovam este problema. Dos 200 mil sacos recebidos apenas 10,5 por cento são de variedades tardias, enquanto no ano passado exatamente 43 por cento da semente distribuída entre os associados era deste ciclo (Bossier, Cobb, BR-1, Santa Rosa, Hardee, Davis e Vila Rica).

UM ALTO PREÇO

A falta de produto, seguramente fará o preço subir bastante. A Fecotrigo ainda não definiu qual o valor que deverá ser fixado na comercialização de sementes pelas cooperativas. Seguramente, entretanto, o saco não deverá custar menos do que Cr\$ 15 ou Cr\$ 16 mil na época do plantio. Há quem ainda arrisque preços ainda maiores, beirando a casa dos Cr\$ 20 mil. Na verdade, mesmo nas compras que estão sendo feitas agora, buscando suprir as necessidades de plantio, não existem preços parelhos, ainda mais quando se trata de variedades semi-tardias e tardias, que chegam a ser uma loteria para encontrar no comércio, como lembra o técnico Auri Braga, do setor de Comercialização de sementes.

O Auri participou da reunião da Fecotrigo, e conta que lá se discutiu inclusive a possibilidade de fazer importação de semente de soja, o que aconteceria pela primeira vez na história desta lavoura. A importação não ficou ainda decidida, pois primeiro a Fecotrigo deverá fazer uma pesquisa para buscar mais dados de preços e condições de uma importação de cerca de 150 mil sacos de semente. Para conseguir a autorização oficial desta compra, existem argumentos bem fortes: a própria necessidade de semente, além da possibilidade de melhoramento de algumas variedades já muito degradadas no Rio Grande do Sul. O inconveniente é que esta semente importada pode ter um custo muito alto, estimado atualmente em cerca de Cr\$ 18 mil o saco de 50 quilos, isto ainda sem considerar despesas de frete, pagamento de porto, armazenagem, etc.

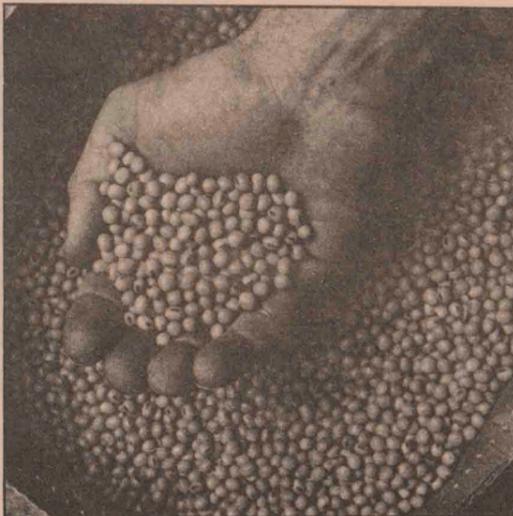
Boa receptividade na permuta

A boa receptividade que a proposta de um contrato de permuta de soja indústria por semente encontrou no quadro social é comprovada pelos números. Foram 494 associados da Região Pioneira que optaram por este contrato, entregando 45.410 sacos de soja para garantir que terão em suas mãos 34.789 sacos de semente para o plantio na próxima safra, independente do preço que a semente alcançará até a época de formação da lavoura.

Mesmo depois de encerrado o prazo estabelecido, que era o dia 30 de maio, apareceu produtor interessado no negócio. É claro que isto se explica com relativa facilidade: a frustração, especialmente das variedades tardias, criou o temor da falta de semente e do alto preço que este produto alcançará na safra. Por não envolver dinheiro, este contrato se mostra duplamente interessante, pois assegura semente a um custo inferior ao de mercado (veja na matéria ao lado).

PREOCUPAÇÃO COM QUALIDADE

Esta permuta, estabelecida pela primeira vez na Cooperativa, foi decidida ainda na época em que a soja prometia uma safra cheia. A intenção foi a de permitir o plantio de uma semente de qualidade assegurada, garantindo um melhor resultado na produção futura. A preocupação com a semente



A qualidade é uma das preocupações

vem sendo muito grande no Departamento Agrotécnico da Cooperativa, especialmente depois de uma circular do Banco Central que propôs a desburocratização do crédito (a Circular 706). Com esta nova orientação do crédito, o produtor fica dispensado do uso de semente fiscalizada, podendo financiar sua lavoura de semente própria. O risco, porém, é grande no caso de uma frustração, pois mesmo que o Banco permita o plantio desta semente, ele não concederá o Proagro no caso de uma frustração. Só tem direito a Proagro quem comprovar o uso de semente fiscalizada. Além do risco do prejuízo financeiro do produtor, o Departamento Agrotécnico preocupa-se bastante com o futuro da lavoura, que pode ter suas variedades completamente comprometidas no futuro. Outro ponto levado em consideração, foi o de toda infra-estrutura montada pelo próprio produtor nas suas cooperativas para o beneficiamento de sementes, que corre o risco de ficar ociosa.

ANÁLISE DOS CONTRATOS

Os contratos de permuta — realizados na base de 100 sacos de produto indústria para 78 de semente — estão sendo agora analisados pelo setor de Sementes da cooperativa. É que em alguns casos, os associados não conseguiram cobrir com a entrega do produto as dívidas que assumiram na cooperativa (repasso, cartão de crédito). Assim, o produto recebido destes associados primeiro será empregado para cobrir estes compromissos, e o saldo, se houver, transformado em semente. Explica o Francisco Tenório Falcão Pereira, responsável pelo setor:

— Os contratos estão sendo revisados um por um, analisando entrega de produto, valor da dívida e a real participação na Cooperativa. A orientação tem o sentido de primeiro cumprir os compromissos anteriores, mas cada caso terá que ser analisado separadamente, pois há associados que não colheram ou entregaram absolutamente nada.

Na opinião do Francisco ainda é muito cedo para avaliar economicamente estes contratos. É que o preço da semente para a próxima safra ainda não foi definido. O certo é que prejuízo ninguém terá em função destas permutas. Os associados garantiram semente a um bom preço, e a Cooperativa como um todo, apenas pode deixar de conseguir um resultado melhor na comercialização futura.

Garantir produto e bom preço

A maior vantagem que o seu Siegfried Neumann, da Linha 18, em Ajuricaba, encontrou no contrato de permuta que fez com a cooperativa, foi exatamente o de garantir semente para plantio da próxima safra. Ele entregou 93 sacos de soja indústria, para receber de volta 70 sacos de semente. Siegfried conta:

— Não consegui reservar nada de semente própria. E dinheiro, na época do plantio, não sei se vou ter. O que colhi, 507 sacos em 40 hectares de planta, não chegou nem para cobrir o financiamento, e muito menos para a sobrevivência. Só deu para pagar a prestação da máquina.

O seu plano inicial era também guardar semente própria, das variedades IAS-4 e BR-1, mas tudo apodreceu na lavoura. A soja que colheu, da BR-2, não tem mais interesse em plantar, pois achou pouco resistente na lavoura, que ficou toda manchada.

BOM PREÇO

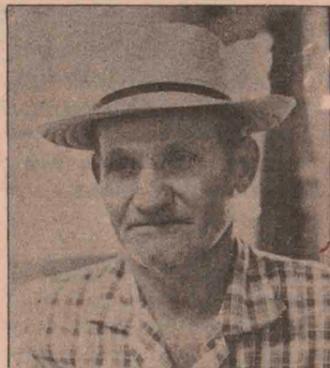
Já para o seu Edmundo Lausmann, da Linha 24, o inte-

resse maior foi assegurar semente a um bom preço. Ele inclusive conseguiu colher e guardar parte da semente que pretende plantar no próximo ano. Em conjunto com o irmão, reservou cerca de 180 sacos, mas só de sementes precoces e médias (Paraná, IAS-5 e IAS-4). Seu contrato foi o de entregar 50 sacos de soja indústria para receber 34 de sementes. O irmão comprometeu quantidade idêntica, e assim eles terão semente suficiente para o próximo plantio (entre 230 e 250 sacos). A sua esperança é conseguir alguma coisa de semente tardia dentro deste contrato, mesmo sabendo que a falta destas variedades não permitirá que a escolha seja totalmente atendida. Ele afirma:

— Nos outros anos, quando não der problema de apodrecer a lavoura, a cooperativa devia assegurar a escolha das variedades. Este tipo de contrato é muito bom, pois pega produto do colono e entrega semente do colono, sem botar dinheiro no meio.



Siegfried Neumann: semente certa



Edmundo Lausmann: bom preço

A HORTA CASEIRA SEM SEGREDO

Uma horta caseira pode produzir durante todo o ano, de janeiro a dezembro? Muita gente, acostumada na lida da horta, pensa que não, porque algumas hortaliças como a alface, o repolho, a cenoura e até mesmo o tomate, não resistem ao clima quente e seco dos meses de verão. Este é um problema que pode muito bem ser resolvido com muita água na horta, justamente nestas épocas quentes. As hortas podem deixar de funcionar como se fossem "safras", produzindo apenas em determinadas épocas do ano, para se tornarem permanentes na propriedade, desde que se observem certas técnicas, como a irrigação diária das plantas.

Tudo isso, e muita recomendação técnica, as esposas e filhas de associados, pertencentes aos núcleos cooperativos de Saltinho, Rincão dos Pinheiros, São Valentim, Floresta, Coronel Barros, tomaram conhecimento durante o "I Curso de Hortigranjeiros" realizado no Centro de Treinamento (CTC), em Augusto Pestana, nos dias 7 e 8 de junho. O curso reuniu cerca de 70 participantes (a maioria mulheres) e foi ministrado pelo agrônomo Hélio Pohlmann, responsável pela área de hortigranjeiros da Cotrijuí, pela Noemi Huth, coordenadora do Departamento de Comunicação e Educação da Cotrijuí,

pelo Walter Colombo, responsável pelo CTC, e contou ainda com a colaboração do técnico agrícola Altamir Antonini.

A TÉCNICA SEM MISTÉRIO

O Hélio Pohlmann, responsável pela parte técnica do curso, explicou desde o preparo das sementeiras até o replantio das mudas e cuidados com pragas. Sobre a aplicação de adubo nas hortas caseiras, aconselhou o uso de esterco curtido, na base de dois a três quilos por metro quadrado, suplementado com 300 gramas de fosfato (fósforo). "Ou então", como ele falou, "pode ser usada a cinza, que é rica em potássio, embora seja pobre em fósforo, principalmente para as plantas de raízes como a cenoura".

A escolha do local para a implantação da horta também mereceu atenção e, segundo o agrônomo, ela deve ficar localizada sempre perto d'água, que é para facilitar a irrigação das plantas, e num terreno inclinado para o lado leste/norte, para que receba sol durante toda a manhã. Não aconselhou a irrigação com água de poço, por ser muito parada e, portanto, apresentar pouco oxigênio. Quem não tem outra opção é obrigado a se utilizar de água de poço, deve agitar bastante a água ao retirar do poço, para que ela receba oxigênio, e só então, molhar os canteiros. A irriga-



O curso despertou o interesse de cerca de 70 participantes

ção deve ser feita sempre pela parte da manhã e nunca com água muito fria. A irrigação feita pela tarde, mesmo que seja à noite, prejudica a raiz da planta, pois a terra ainda está quente do sol.

A sementeira foi outro assunto bem questionado e o Hélio explicou que quem quiser obter mudas sadias deve sempre "queimar" a terra antes de semear a planta. "Basta colocar terra e água dentro de um tonel, assim como se fosse uma panela de arroz, e deixar ferver até secar a água. Depois é deixar esfriar a terra e fazer a semeadura". Também não aconselhou o uso do adubo orgânico (esterco) na sementeira, que pode prejudicar a muda. "Neste caso", disse, "é preferível recorrer ao adubo químico".

O PREPARO DOS ALIMENTOS

A Noemi Huth se encarregou de transmitir as informações sobre o preparo da maioria dos alimentos produzidos na propriedade, para que se obtenha uma melhor assimilação por parte do organismo. Destacou que a maioria das hortaliças perdem grande parte do valor alimentar se forem fervidas ou aquecidas por muito tempo. "Tanto as hortaliças como as frutas devem ser consumidas frescas e de preferência cruas, para não perderem tanto valor nutritivo". Não aconselhou a adição de bicarbonato de sódio ao vegetal durante o cozimento, "pois este destrói a vitamina C".

Segundo a Noemi, a maior parte

das frutas e hortaliças contém aproximadamente 85 por cento a 90 por cento de água, de um a dois por cento de proteínas e de dois a quatro por cento de amido e açúcar. "O restante do conteúdo sólido é formado de celulose, o que proporciona volume aos alimentos e ainda estimula os músculos intestinais". A maioria das frutas e hortaliças são más fontes de proteínas, gorduras, ferro, cálcio, mas são ricas em sais minerais e vitaminas. Por exemplo, a maioria das folhas, como agrião, aipo, alface, salsa, repolho e outras, quando novas e em crescimento, são ricas em vitaminas C, e as folhas finas e exteriores contém ferro e cálcio. As verduras de caule, como o aspargo e aipo, além da vitamina A e ferro, contém vitaminas do complexo B, vitamina C e cálcio. Verduras de flores (couve-flor, brócoli) contém vitaminas C, A fósforo e ferro. Verduras de sementes (vagem, ervilha, milho verde), quando verdes, são ricas em vitamina C, fósforo e ferro. Quando secas ou maduras (lentilha, milho, feijão, ervilha), são ricas em proteínas, vitaminas do complexo B, A, hidrato de carbono açúcares e ferro. As raízes e tubérculos (batata, cenoura, nabo, aipim) são ricos em vitamina C e ainda contém ferro, hidratos de carbono e açúcares. Os bulbos (como o alho e a cebola) são ricos em vitamina C. Os vegetais (como abóbora, chuchu, moranga, tomate e outros) são ricos em vitamina A, hidratos de carbono e açúcares, vitamina C e do complexo B.

SUBSTÂNCIA	FUNÇÃO	FONTE	A FALTA PROVOCA:
Vitamina A	normalidade da visão; evitar infecções; crescimento; formação do esmalte dos dentes	vegetais verdes e amarelos	cegueira noturna; pele seca e áspera; baixa resistência às infecções.
Vitamina D	absorção do cálcio e fósforo; calcificação dos ossos e dentes	é sintetizada através da pele	raquitismo
Vitamina K	coagulação do sangue	pimentão, feijão, espinafre, couve	coagulação do sangue demorada; hemorragias
Vitamina B1	atua no metabolismo; permite a liberação de energia	fígado, ovo, cereais integrais	beribéri
Vitamina B2	formação do sangue	fígado, ovo, leite	anemia
Vitamina C	formação de anticorpos para a defesa do organismo; atua na formação dos tecidos	frutas e verduras cruas	escorbuto; predisposição às infecções

Ensaaios e descobertas com a mandioca

Existe diferença entre o aipim e a mandioca? Quem ainda desconhecia a diferença, ficou sabendo, durante o curso de hortigranjeiros, que a mandioca é aquela raiz destinada à alimentação dos animais, e o aipim, para o consumo humano.

Walter Colombo foi quem falou sobre os ensaios com diversas variedades de mandioca (como é mais conhecida), que vem sendo realizados no Centro de Treinamento, em conjunto com o Instituto de Pesquisa Agropecuária da Secretaria da Agricultura do Estado. Para os ensaios estão sendo utilizados 10 cultivares vindos de Taquari e mais uma variedade crioula. A finalidade destes experimentos, segundo o técnico é o de introduzir novas variedades na região e ao mesmo tempo identificar algumas que já vêm sendo cultivadas por nossos produtores". E a intenção da Cotrijuí, depois de testadas e identificadas as variedades, de acordo com sua nomenclatura correta é distribuir ramos (mudas) entre os associa-

dos interessados.

Por sinal, um grupo de participantes do curso teve a oportunidade de avaliar o comportamento culinário das 11 cultivares, considerando o tempo de cozimento e o sabor. Algumas variedades ficaram cozidas em apenas 15 minutos, outras chegaram a levar 40 minutos. A cada variedade testada foi conferida uma nota de zero a 10. A variedade que recebeu a melhor nota por parte dos participantes do curso, foi a L-7 (gigante) que recebeu nota oito. As variedades L-10 e a crioula, empataram com nota sete. Estas três variedades, segundo o Colombo, serão multiplicadas e distribuídas, já pelo mês de setembro, entre os associados interessados.

OS GRUPOS

De um modo geral, segundo o Colombo, as variedades de mandioca estão classificadas em três grupos bem distintos. No primeiro grupo estão as industriais ou tóxicas, destinadas a fabricação de fari-

nha e álcool. É a mandioca brava, que não deve ser fornecida aos animais quando eles estiverem com muita fome. No segundo grupo encontra-se a mandioca de mesa, o aipim, como é classificada. E num terceiro grupo, estariam as mandiocas forrageiras, usadas exclusivamente para a alimentação dos animais.

A mandioca não é muito exigente em termos de fertilidade do solo, mas com uma adubação bem feita tem capacidade de triplicar sua produção. Responde muito bem ao potássio e ao nitrogênio. No Rio Grande do Sul a época de plantio vai de 15 de agosto a 15 de outubro. O plantio da rama (muda) deve ser feito todos os anos, principalmente se a produção for destinada ao consumo familiar. A rama (com 8 a 12 gemas) deve ficar de forma inclinada dentro da cova, para facilitar a "pega". No plantio deve ser observado um espaçamento de um metro por 80 centímetros, consorciado com abóbora, moranga, melancia. Para os problemas de inção, o Colom-

bo recomenda a capina, mas isto quando a muda ainda estiver muito pequena. A colheita só deve ser feita a partir de sete meses depois do plantio.

ARMAZENAGEM

A muda ou rama deve ser armazenada, de um ano para o outro, de duas maneiras: em pé, inclinada junto a alguma árvore, ou então, deitada em covas. O Colombo aconselha a armazenagem em covas, por causa das geadas durante o inverno. "É só abrir uma cova grande, colocar as ramos dentro, deitadas, cobrindo com uma camada de palha e um pouco de terra. Quando começar a primavera, basta tirar um pouco a terra das laterais, para que circule o ar dentro da cova, evitando o apodrecimento das ramos, já que neste período elas começam a sair da dormência". Se guardadas em pé, devem ficar muito bem abrigadas contra o vento sul e de preferência, resguardadas dentro de algum mato.

Produto garantido o ano todo

Levando em conta as principais hortaliças cultivadas na maioria das hortas domésticas, o Hélio Pohlmann fez algumas recomendações para o cultivo do tomate, da alface, do repolho, da batatinha, do alho e da cebola. Falou sobre adubação, época de plantio, variedades adequadas para a região, tratamento contra moléstias e colheita. E garantiu que o tomate, a alface e o repolho podem fazer parte da mesa do produtor durante todo o ano, e não apenas nas épocas tradicionais de cultivo.

O TOMATE

Jamais deve ser plantado em terra onde foi cultivada a batatinha. Geralmente a batatinha costuma deixar a terra infestada de moléstias, como a "murchadeira", por exemplo. Pode ser cultivado em duas épocas diferentes do ano, sendo uma em agosto e a outra em dezembro, usando-se a variedade "Gaúcho". O tomate é uma planta exigente em termos de fertilidade, requer rotação e muito adubo, na base de 50 a 100 gramas por pé de planta, da fórmula 2-30-15, e mais o fósforo, isso dependendo do solo.

Contra doenças, o Hélio recomendou uma aplicação de sulfato de cobre (verde-rama), que não é tóxico, e mesmo que fique concentrado na casca do tomate, desaparece ao ser lavado. O sulfato de cobre só faz efeito quando aplicado em temperaturas altas, e logo após uma chuva. Para combater a broca e até mesmo o "burrinho" ele indica uma aplicação de inseticida de acordo com recomendação técnica oportuna, ou então uma solução caseira à base de caldo de fumo ou de cinza. Se a planta apresentar muitos ramos, recomenda-se retirar alguns galhos com a unha, bem logo que o broto começa a aparecer. E, de resto, não esquecer de envarar os tomateiros, com taquaras ou fios.

O REPOLHO

O plantio é simples, e as variedades mais usadas são aquelas bem tradicionais, como o Coração de Boi, Chato de Quintal, Roxo e algumas híbridas. Pode ser cultivado em três épocas diferentes, sendo que a primeira sementeira pode ser feita em março (época costumeira), e depois em julho e novembro. Em março e julho,

podem ser cultivadas todas as variedades comuns. No mês de novembro, quando começa o verão, plantam-se todas as híbridas, mas sempre observando a recomendação de que a planta só vai apresentar algum desenvolvimento se receber muita água durante todo o período de crescimento.

Grilos e lesmas são combatidos com inseticidas e a lagarta com um inseticida biológico. A doença conhecida por "V", e que ataca principalmente as folhas de fora, não necessita de tratamento, já que não acarreta grandes prejuízos.

ALFACE

Pode ser cultivada de dois em dois meses. Nos meses de verão as variedades Maravilha de Verão e Kagrner. Em julho, setembro e novembro, se recomenda o plantio de variedades mais comuns, tais como Rainha de Maio, Boston e outras. Para o plantio nos meses de inverno os técnicos aconselham o replantio das mudas. Em novembro e janeiro, o plantio é direto nos canteiros, bastando apenas alguns desbastes nas mudas que estejam muito juntas. De resto, é preciso muita água para as plantas, assegurando o resultado da cultura. A alface não apresenta problemas sérios de moléstias.

A BATATINHA

A semente não deve ser maior que o tamanho de um ovo de galinha, pois, segundo o Hélio, assim tem condições de produzir uma planta de melhor qualidade. Para que a brotação venha rápida e, principalmente, parelha, o Hélio aconselha a aplicação de um produto químico na semente, conhecido pelo nome de "brotador", na base de um grama por 100 litros d'água. É a única forma da planta vir uniforme. Para que a batatinha não descame, o Hélio aconselha que a terra não seja corrigida com calcário. Para cada quilo de batatinha, a orientação técnica man-

da colocar um quilo de adubo.

A "murchadeira" que freqüentemente ataca a batatinha é uma doença que não tem controle. O conselho do Hélio é fazer a lavoura sempre subindo a ladeira, que daí a chuva não carrega para cima a terra doente. A "murcha" é uma doença causada por uma bactéria que fica isolada na terra, e qualquer tratamento, para surtir algum efeito, teria de ser feito durante à noite. Mas ele se torna tão oneroso que não vale à pena. O sulfato de cobre pode ser usado como um tratamento preventivo, aplicado nas folhas, controlando a maior parte das doenças da batatinha.

CEBOLA E ALHO

Estas recomendações e observações valem tanto para a cebola como para o alho, por apresentarem características semelhantes quanto a condução do cultivo. A cebola requer o plantio em sementeiras, para depois se realizar o transplante das mudas. Segundo o Hélio, as plantas de sementeiras nascem mais vigorosas e se desenvolvem melhor após o plantio.

As variedades de cebola que mais se adaptam às condições climáticas da região são a Baía Periforme e a Pera de Rio Grande. A variedade "Baía Periforme" é a mais resistente às doenças e pragas da região. Já a única variedade de alho aconselhável para o cultivo na região é a Portela.

Tanto para o alho como para a cebola, as doenças são de difícil controle. O ataque do "trips", pode ser controlado com um tratamento à base de inseticida.

Durante a colheita, quer seja do alho como da cebola, é aconselhável deixar o produto na lavoura, para dar uma boa enxugada, sem tomar sol direto. Para tanto, a recomendação do Hélio é que os bulbos sejam cobertos com as próprias palhas. Depois é armazenar o produto, pendurando-o numa taquara ou vara.



Hortaliças para consumo o ano inteiro

As novidades que se aprende

O curso não trouxe muita novidade para a dona Odilse Eickhoff, de Vila Floresta, que não se aperta numa lida de horta. Acostumada com toda a servidão, desde o preparo das sementeiras até o replantio das mudas, a dona Odilse também contou muitas das suas experiências para o resto do pessoal. Mesmo assim, ela garante que o curso valeu à pena:

— Tenho muita prática de lidar com horta, mas estou gostando muito do curso. Uma coisa que me interessou muito foi o fosfato nas laranjeiras. Já andava pensando em fazer algumas aplicações e agora fiquei sabendo que os resultados são excelentes. Ajuda a melhorar a produção.

A dona Alice Casagrande, de Saltinho, gostou do curso porque teve a oportunidade de aprender alguma coisa que ainda não sabia, como conta:

— A novidade pra mim foi quanto ao plantio da mandioca, que sempre plantava a rama dei-



Odilse Eickhoff: contar experiências

tada. Agora fiquei sabendo que a rama deve ser plantada inclinada dentro da cova, e que também ela pode ser mais comprida. Este ano, quando chegar a época do plantio da mandioca, já vou fazer a experiência.

COMPROVAR A PRÁTICA

De resto, a dona Alice garante que só comprovou o que já vinha fazendo na prática. "A lida da horta quase não tem muito



Alice Casagrande: aprender novidades

segredo, e quem mora na colônia já tem muito conhecimento de certas técnicas, que vão desde a sementeira até o controle de pragas e doenças".

Para a dona Olívia Casagrande, também de Saltinho, o curso valeu mais pelas informações que recebeu sobre a cultura da batatinha, que quase nunca deu certo lá na sua horta:

— Nunca dei muita sorte



Olívia Casagrande: problema na batatinha

com a batatinha. Apareciam algumas doenças e morria quase tudo. As mudas que sobravam, não produziam nada. No próximo plantio vou seguir o conselho do técnico, e aplicar o tal de verde-rama nas folhas para ver os resultados.

Outra novidade que a dona Olívia ouviu foi quanto ao armazenamento da rama da mandioca. Pelo que ficou sabendo, o método mais eficaz, capaz de garantir a qualidade das mudas, recomenda que elas fiquem deitadas, dentro de uma cova, grande, cobertas com palha e terra por



Gessi Hartmann: pequenos detalhes

cima.

O interesse maior da dona Gessi Ivone Hartmann, de Saltinho, foi para o preparo das sementeiras, e cuidados no plantio das mudas. Segundo explicou, o curso valeu muito, principalmente pelos pequenos detalhes técnicos, "que muitas vezes quem lida na horta desconhece".

Também foi no curso que a dona Gessi ficou sabendo que uma horta caseira pode ser mantida durante todo o ano, desde que se tome certos cuidados, como o de adaptar a variedade à estação apropriada.

MOBILIZAÇÃO PELO PROJETO E ASSISTÊNCIA

A luta da Previdência já provocou mais de duas mil reuniões de núcleo em todo Rio Grande do Sul e tem um saldo de 100 mil assinaturas de pequenos produtores e trabalhadores assalariados reforçando um novo projeto de Previdência já entregue ao ministro Hélio Beltrão, no mês de abril (veja Cotrijornal nº 102). A luta, que foi retomada no início do ano como trabalho prioritário dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais, tem como novos passos a realização de Assembléias regionais e um encontro estadual, já marcado para o dia 31 de agosto, em Porto Alegre.

As assembléias regionais acontecerão nos meses de julho e agosto, como preparação ao encontro estadual, e servirão ainda para discutir e divulgar os problemas dos agricultores na área de saúde e previdência. As datas das assembléias nas regionais que fazem parte da área de ação da Cotrijuí (Ijuí e Três Passos) estão para ser marcadas nos primeiros dias de julho, quando se reúnem os presidentes dos sindicatos. Além de firmar as reivindicações sobre o projeto de alteração da lei da Previdência Rural elaborado pelo movimento sindical, estas assembléias deverão abordar as questões de atendimento médico e hospitalar. Em al-

guns municípios (como é o caso de Santa Rosa) foram rompidos os convênios mantidos entre os hospitais e o Funrural, e os agricultores sofrem a ameaça de ficar sem atendimento. Em outros locais, os hospitais também pretendem seguir esta atitude de rompimento de convênios, alegando a insuficiência de verbas para o atendimento da população rural. O último reajuste concedido pelo INAMPS (Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social), foi de 33 por cento, em média, enquanto os hospitais reivindicavam 150 por cento.

ASSEGURAR ASSISTÊNCIA

A luta encaminhada pelos sindicatos neste sentido, tem o objetivo de assegurar a assistência aos agricultores, já que eles estão cumprindo com a sua parte, que é a de contribuir com 2,5 por cento sobre a produção que comercializam, como lembra o presidente do STR de Ajuricaba, Luiz Otonelli. Também em seu município existe o risco dos agricultores ficarem sem assistência, caso o hospital local cumpra a promessa de romper o convênio com o Funrural. Inclusive três hospitais vizinhos (Ajuricaba, Ijuí e Augusto Pestana), convocaram os presiden-



A luta pode repetir as mobilizações dos agricultores

tes dos Sindicatos destes municípios para uma reunião onde expuseram sua versão sobre as dificuldades de atendimento à população rural. Na ocasião, as lideranças sindicais reafirmaram que o atendimento não deve ser interrompido, e que os hospitais, juntamente com o INAMPS, devem procurar uma forma de superar este problema já crônico de falta de verbas.

Além de assegurar o atendimento, os sindicatos ainda estão empenhados em garantir o cumprimento, da lei que eliminou a cobrança de participação nas despesas hospitalares e nos exames de laboratório e raio-X. Esta lei, como recorda Carlos Karlinski, presidente do STR de Ijuí, foi o resultado da luta e mobilização dos agricultores, e existe desde agosto de 1981. A partir daquela data se garantiu gratuidade total no atendimento, com isenção de taxas e participação nas despesas com medicamento, exames complementares, raio-X, e anestesia, nos casos de baixa hospitalar em quarto previdenciário.

UM PROJETO PRÓPRIO

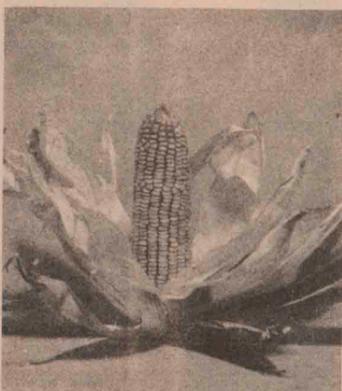
Ao mesmo tempo que se envolvem nestas questões de atendimento, os sindi-

catos também continuam encaminhando as discussões sobre o projeto de previdência que amplia os benefícios aos trabalhadores rurais e pequenos produtores. É a primeira vez que esta categoria faz um projeto para defender seus próprios interesses, buscando fundamentalmente equiparação aos direitos já adquiridos pelos trabalhadores urbanos. O conteúdo deste projeto continua em debate nas bases, mesmo depois de apresentado ao ministro da Previdência e Assistência Social. A luta agora também inclui a reivindicação de que o ministro encaminhe o projeto ao Congresso Nacional, para que seja discutido e aprovado pelos deputados federais e pelos senadores. Entre as principais alterações que ele traz em relação à lei atual, estão o direito de aposentadoria à mulher rural; seguro de acidente de trabalho também para a mulher e os filhos menores; atendimento em qualquer parte do País; plantão médico nos sábados, domingos e feriados; aposentadoria por tempo de serviço (aos 30 anos de contribuição para a mulher e aos 35 para o homem); aposentadoria por velhice aos 50 e 65 anos, para as mulheres e homens respectivamente; valor da aposentadoria não inferior a um salário mínimo.

Conheça nossos híbridos de milho e escolha seu campeão!



6875 Este híbrido é o preferido pelos milhocultores que possuem lavouras mecanizadas. O tempo de secagem de seus grãos é mais rápido; desde a fase de loureação da espiga até a planta seca, as palhas se afrouxam, permitindo maior ventilação dos grãos e agilizando a secagem na lavoura, trazendo economia na secagem mecânica.



X307 É um dos híbridos preferidos pelos milhocultores do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Suas plantas apresentam excelente enraizamento e colmo forte. Com grãos dentados e de cor amarela, suas espigas são grandes e bem granadas.



6872 É o híbrido mais precoce da linha PIONEER. Seus grãos são duros, semi-dentados e de cor amarelada. As plantas são baixas e suas folhas praticamente eretas, permitindo ótima luminosidade em toda a planta e redução do espaçamento entrelinhas para 80 cm.



PIONEER SEMENTES LTDA.

Matriz: BR-471, Km 49 - Stº Cruz do Sul, RS Filiais:
Porto Alegre, RS - Stº Rosa, RS - Campinas, SP
Itumbiara, GO.

PIONEER® "Marca Registrada ou usada nos países do mundo" da PIONEER HI-BRED INTERNATIONAL, INC.™



COTRIEXPORT -
CORRETORA DE
SEGUROS LTDA.

INVESTIMENTO EM
SEGURO, SEJA
INCÊNDIO, VEÍCULOS,
ROUBO, VIDA,
ACIDENTES PESSOAIS
E OUTROS,
REPRESENTA
TRANQUILIDADE
CONTRA AS
INCERTEZAS DO
DIA-A-DIA.

A COTRIJUÍ ATRAVÉS
DE SUA CORRETORA
DE SEGUROS, PRESTA
TODAS AS
INFORMAÇÕES E
ASSISTÊNCIA
TÉCNICA.

Em Ijuí: Rua das Chácaras
1513 - fone 332-1914
ou 332-3765 ramal 364
Em Porto Alegre: Av.
Júlio de Castilhos, 342
5º andar - fone 21-08-09

OUTRO PACOTE, OUTRO APERTO

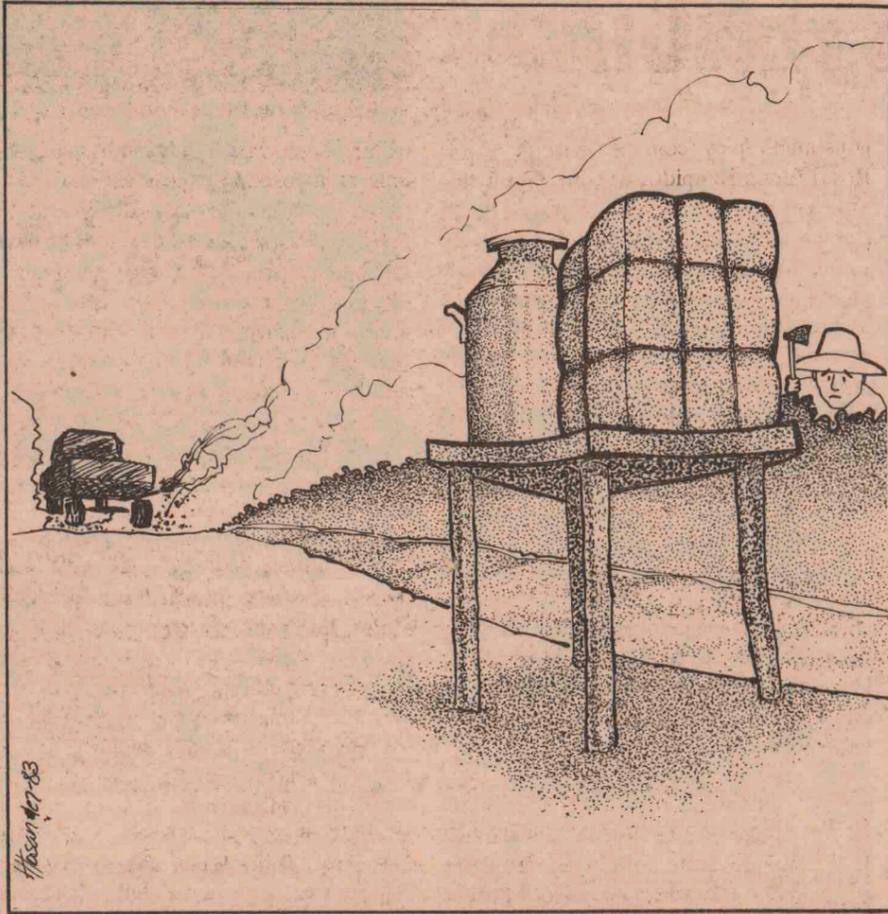
De pacote em pacote, a política adotada pelo Governo Federal, vai apertando cada vez mais a rosca sobre os setores de produção nacional. O último pacote, editado em partes, trouxe uma série de medidas anunciadas com o objetivo de cortar os gastos dos consumidores, das empresas privadas e do próprio governo. Esta estratégia procura ainda, segundo as autoridades econômicas, reduzir importações, aumentar exportações e diminuir a taxa de inflação. No geral, sabe-se muito bem que o dedo do FMI (Fundo Monetário Internacional), a quem o País recorreu em novembro passado, está por trás das orientações traçadas.

Para o setor agrícola, duas das medidas provocam reflexos negativos imediatos. A primeira foi a que aumentou os encargos financeiros pagos pelo produtor que recorrer ao crédito agrícola, elevando seu custo a pelo menos 110 por cento em 1983 (veja matéria na página central). Estas taxas, progressivamente, serão aumentadas, até se equipararem àquelas praticadas no mercado financeiro. Outra medida de peso para a agricultura também envolve a retirada de subsídios aos derivados de petróleo, que sofreram um reajuste imediato de 45 por cento, elevando o preço do diesel, por exemplo, a Cr\$ 191,00 o litro. O reflexo imediato destas duas medidas é o aumento do custo de produção, que já para as lavouras de verão foi calculado em 180 por cento a mais do que os da safra passada.

AS COMPENSAÇÕES PROMETIDAS

Exatamente neste ponto residem as maiores preocupações: o setor agrícola não tem o poder de controlar estes custos e nem a possibilidade de determinar o valor daquilo que produz. O governo federal, através do ministro da Agricultura, Amaury Stábile, promete compensações a esta retirada de subsídios. Foi anunciado que os preços mínimos alcançarão valores mais atrativos, e inclusive foi alterada a fórmula de correção destes preços anunciados antes das safras. No lugar de tomar como referência o INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor), agora esta correção será baseada nas ORTNs (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional), que têm apresentado variações superiores às do outro índice. Não se pode esquecer, entretanto, que as ORTNs também são tomadas como base para a correção monetária que será aplicada sobre os créditos de custeio e investimento.

Outra compensação seriam Valores Básicos de Custeio mais aproximados das reais necessidades dos gastos na formação das lavouras, além da ampliação da assistência técnica e extensão rural, e inclusive uma prometida mudança na política fundiária. Também no Proagro são previstas mudanças, aumentando sua cobertura para até 80 por cento, e considerando a correção monetária como o principal da dívida. Desta forma, os agricultores atingidos por frustração, pagariam como ju-



ros apenas a taxa fixa de três por cento. Todas estas promessas foram expressas numa carta aberta ao agricultor que o ministro Stábile mandou publicar nos jornais. Esta carta, entretanto, não explicitou quais os critérios que serão adotados para a fixação dos futuros preços mínimos (apenas alterou sua fórmula de correção) e nem para a definição dos novos VBCs. Uma compensação concreta, entretanto, foi a eliminação do imposto de exportação (confisco) implantado em fevereiro (veja no Cotrijornal daquele mês).

AUMENTO DOS RISCOS

Todas as medidas anunciadas, entretanto, não encontraram boa receptividade no setor rural. O presidente da Fecotrigo, Jarbas Pires Machado, alertou inclusive que a retirada dos subsídios do crédito inevitavelmente provocará o aumento dos riscos da atividade agropecuária, criando-se o temor de que será impraticável repassar os preços necessários para cobrir um custo de produção mais elevado. Já o presidente da Fearoz, Homero Pegas Guimarães, chegou a dizer que o pacote "é recessivo, incompleto, inócuo, antinacional e anti-social". E explica: estas medidas, irão levar a iniciativa privada a travar ainda mais suas atividades; os juros altos de mercado deverão continuar; o pacote não vai resolver nada — e sim nos atirar numa depressão ainda maior; as empresas privadas, debilitadas economicamente, irão cair nas mãos das multinacionais; e provocará um aumento ainda maior no custo de vida e no desemprego.

Já Argemiro Luís Brum, coordenador da CRIAEC (Central Regional de Informações Agropecuárias), da Fidene, não

acredita na compensação da retirada de subsídios por preços mais remuneradores. E isto por duas razões muito simples:

— O Governo não tem dinheiro para pagar qualquer coisa. Ou ele não paga, ou terá que buscar recursos no exterior para isto. Só que novos empréstimos precisam do aval do FMI, que ainda não liberou nem as parcelas já prometidas. Caso o Governo consiga o dinheiro para comprar a produção agrícola, não terá consumidores para quem vender. O povo, em geral, teve seu poder aquisitivo mais uma vez achatado.

OUTRAS MEDIDAS

O pacote de junho ainda incluiu outras alterações econômicas. O subsídio do trigo foi reduzido, aumentando seu preço a nível de consumidor, em 100 por cento; as aplicações no open-market (mercado aberto, de especulação financeira), passaram a sofrer uma taxa de 4 por cento; os rendimentos do capital (lucros de ações, etc) sofreram um adicional de Imposto de Renda; as instituições financeiras precisarão antecipar o recolhimento do Imposto de Renda, além de outras medidas adotadas com o objetivo de reduzir as taxas de juro do mercado financeiro, aumentar as receitas e diminuir o déficit do Governo.

Também foi adotada uma disciplina maior nos gastos e mordomias das empresas estatais, e oficializado o expurgo dos índices econômicos. Por este expurgo, os aumentos decorrentes dos cortes nos subsídios do trigo e do petróleo não serão considerados para a fixação dos índices que corrigem as perdas decorrentes da inflação (veja na página central).

A polêmica dos subsídios

"A retirada dos subsídios agrícolas é um risco muito grande e num setor que não é tão subsidiado como se fala". A afirmação é do professor Argemiro Luís Brum, coordenador da Criaec (Central Regional de Informações Agropecuária), da Fidene, no último boletim publicado pela Central. Ele prossegue: "Segundo a Fundação Getúlio Vargas, em 1981, de uma massa de Cr\$ 2,1 trilhões de subsídios distribuídos pelo Governo, 34,3 por cento do total foram para as estatais, 27,4 por cento para os exportadores de manufaturados, e apenas 15,2 por cento para a agricultura".

Os dados servem para alimentar ainda mais a polêmica que existe sobre a questão dos subsídios na economia, envolvendo inclusive as constatações que muito dinheiro subsidiado foi desviado para aplicação em outras atividades mais rentáveis. O subsídio, na verdade, é pago por toda população, em princípio como uma poupança coletiva destinada a permitir o incentivo de setores de interesse geral. No mundo inteiro, por exemplo, a produção primária é contemplada com subsídios, independente do tipo de sistema econômico predominante. Há casos também de subsídio ao consumidor, como acontece com o preço do leite na Europa Ocidental.

A polêmica cresce ainda mais quando se compara a questão dos subsídios à agricultura com os subsídios ao trigo. Este subsídio ao trigo, segundo o presidente da Fecotrigo, Jarbas Pires Machado, é inadmissível, pois não contempla nem os produtores e nem os consumidores. Quem lucra com o subsídio ao trigo são as indústrias, e com esta conta se tem gasto anualmente uma quantia que se aproxima de Cr\$ 1 bilhão de dólares por ano (ou quase Cr\$ 5,4 trilhões). No entanto, a própria indústria panificadora admite que o peso da farinha representa apenas 12 por cento do custo total da fabricação do pão.

NÃO CUSTA CARO

Jarbas também não aceita o argumento de que o subsídio à agricultura custa muito caro para os cofres públicos. Ele lembra que estes recursos são arrecadados em quatro fontes: dos depósitos à vista existentes nos bancos, que são obrigados a recolher uma parcela ao Banco Central sem nenhuma remuneração adicional; de um Fundo Federal específico para estas aplicações; dos recursos excedentes da própria agricultura (o agricultor também tem depósitos em banco); ou ainda através da emissão de dinheiro. Nesta última hipótese, o máximo que acontece é um aumento da dívida pública, que do mesmo é paga indiretamente pela população.

O ex-senador Paulo Brossard de Souza Pinto, durante um programa Campo e Lavoura — da TV Gaúcha — também analisou esta questão, afirmando que o chamado subsídio agrícola não é de fato um subsídio. Ele lembrou que os recursos recolhidos compulsoriamente pelos bancos comerciais são transferidos a juro zero para o Banco Central, que os aplica em crédito rural cobrando encargos financeiros. Assim, os agricultores pagam pelo dinheiro um custo que na verdade não existe. Aonde está o subsídio?

Ainda para o presidente da Fecotrigo, os problemas de desvio do crédito não podem servir de argumento para eliminar o subsídio. Qualquer irregularidade que tenha sido cometida com a aplicação destes recursos, deve ser punida. "Mas que os larapios sejam punidos, e não todos os agricultores".

CRÉDITO A ALTO CUSTO

O preço do dinheiro pego como financiamento de custeio ou investimento agrícola, deverá alcançar pelo menos a taxa de 110 por cento depois das últimas mudanças introduzidas pelo pacote. A retirada de parte dos subsídios do crédito foi feita a partir de uma alteração quase que geral das normas dos financiamentos. A partir já da próxima safra de soja — e das compras de máquinas e equipamentos feitas daqui para a frente — o custo do dinheiro será calculado com base na correção monetária, aproximando-o dos custos existentes nas operações de crédito em geral.

O pacote definiu, inclusive — salvo futuras alterações — que o crédito agrícola terá seu subsídio totalmente eliminado a partir de 1985 para os produtores da região Centro-Sul. No Norte e Nordeste, entretanto, o custo do dinheiro será mais barato, mesmo a partir daquele ano.

A penúltima alteração do crédito — resultado de um pacote de medidas editadas em dezembro passado — vinculava o custo do dinheiro à variação do INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor). Estas taxas, que vigoraram na prática apenas para as lavouras de inverno deste ano, alcançaram o percentual de 60 por cento (que correspondia a 70 por cento do INPC, mais 5 por cento). A nova fórmula, entretanto, toma por base a correção monetária equivalente à variação das ORTNs (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional), que sempre têm apresentado índices maiores do que o INPC (veja na matéria sobre o significado da desindexação).

AGORA CORREÇÃO MONETÁRIA

A partir de agora, os créditos rurais para região Centro-Sul ficam sujeitos a juros de três por cento ao ano, além da correção monetária equivalente a 85 por cento da variação da ORTN. Este percentual, entretanto, valerá apenas para os contratos feitos este ano. Em 1984, a correção

monetária aplicada nos contratos será de 95 por cento da variação da ORTN; e de 1985 em diante, a 100 por cento desta variação.

Esta correção monetária será calculada no último dia útil de cada mês, e o valor apurado será somado ao dinheiro que o agricultor retirou como financiamento. Assim, se a ORTN teve uma variação de 10 por cento no mês, a dívida do contrato sobre 8,5 por cento naquele mês. No mês seguinte, supondo ainda uma variação de 10 por cento na ORTN, o aumento será de outros 8,5 por cento sobre o saldo devedor já acumulado. Exemplificando: se o produtor tirou um financiamento, digamos, de Cr\$ 100 mil, um mês depois sua dívida já é de Cr\$ 108.500,00. No outro mês, ela passa a Cr\$ 117.722,00, e assim sucessivamente vai crescendo, de acordo com as variações estabelecidas para as ORTNs. Esta correção monetária fica, portanto, somada ao valor da dívida, tornando-se inclusive parte dela. Os juros do financiamento serão calculados em 30 de junho e 31 de dezembro, no vencimento e na liquidação da dívida.

Com esta fórmula, caso o financiamento fosse feito em meados de junho, quando da edição do pacote, o custo do dinheiro para o agricultor chegaria a 109,6 por cento. O cálculo é de Paulo Roberto Viana, diretor de crédito rural do Banco Econômico, e foi publicado pelo jornal Gazeta Mercantil, de São Paulo. Ele levou em conta o novo índice de 85 por cento da correção monetária, mais os juros fixos de 3 por cento ao ano, calculados sobre a variação da ORTN, que foi de 125,5 por cento nos últimos 12 meses. Viana ainda lembrou que os bancos privados estão trabalhando sem limite de expansão de crédito — outra medida do pacote — o que implicará numa expansão efetiva do crédito rural. Mas há um problema, segundo ele: "a grande indagação é se vai haver demanda para esse aumento de crédito".



Os pequenos produtores pagarão proporcionalmente mais caro pelo crédito

AS FAIXAS DE CUSTEIO

Se o pacote alterou as taxas, não mexeu, entretanto, nas faixas de acesso ao crédito. O mini-produtor continuará tendo direito a 100 por cento do Valor Básico de Custeio; o pequeno produtor 90 por cento; o médio 60 por cento e o grande 40 por cento. O complemento a este crédito, deverá ser buscado a custo mais elevado, com o valor integral da correção monetária (100 por cento da ORTN) mais juros de 3 por cento ao ano. De acordo com a variação dos últimos 12 meses, o custo desta parcela a descoberto se aproxima dos 130 por cento. Essas mesmas taxas serão aplicadas nos financiamentos de investimento que superem o valor de 100 MVR (Maior Valor de Referência), o que equivale atualmente a Cr\$ 1.760.690,00. Nos contratos para aquisição de máquinas, equipamentos, bovinos, com valor inferior a 100 MVR, as taxas seguem as mesmas estabelecidas para o custeio (85 por cento da correção monetária mais 3 por cento de juros).

Proporcionalmente, os maiores prejudicados pelo aumento do custo do crédito foram os pequenos agricultores. Tendo di-

reito a 90 por cento do VBC a juro subsidiado, os financiamentos custavam para esta categoria o equivalente a 67 por cento ao ano, isto considerando que 10 por cento do custo da lavoura é buscado nos bancos comerciais a juros de mercado. Com o pacote, estas taxas passam para 111 por cento. No caso dos grandes produtores, os juros se elevaram de uma média de 104 por cento para 121 por cento; e para os médios, de 89 para 117 por cento.

OS PRAZOS DE PAGAMENTO

Os médios e grandes produtores deverão saldar seus financiamentos em quatro parcelas, que vencem aos 30, 60, 90 e 120 dias após a colheita. A primeira parcela corresponde a um quinto do saldo devedor; a segunda tem o valor de três oitavos do saldo; a terceira de metade do saldo; e a última do restante a liquidar. O custeio dos pequenos e mini-produtores deverá ser reembolsado ao banco em duas prestações, que vencem aos 90 e 120 dias após a colheita. A primeira tem o valor de metade do saldo devedor, que deverá ser liquidado na segunda parcela.

ENCARGOS FINANCEIROS

ANO	CORREÇÃO MONETÁRIA		
	CUSTEIO	INVESTIMENTO (até 100 MVR)	INVESTIMENTO (mais de 100 MVR)
1983	85% ORTN	85% ORTN	100% ORTN
1984	95% ORTN	95% ORTN	100% ORTN
1985	100% ORTN	100% ORTN	100% ORTN

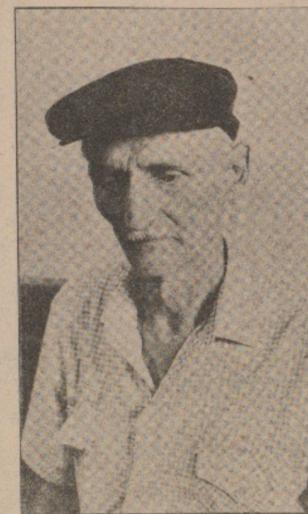
Além da correção monetária, os encargos incluem juros de 3% ao ano

LIMITES DE FINANCIAMENTO

FAIXA	CUSTEIO	INVESTIMENTO
Mini-produtor (até 100 MVR)	100%	100%
Pequeno produtor (de 100 a 400 MVR)	90%	100%
Médio produtor (de 400 a 2.000 MVR)	50%	90%
Grande produtor (mais de 2.000 MVR)	40%	90%

MVR (Maior Valor de Referência) — mês de junho: Cr\$ 17.606,90

O espanto com as últimas notícias



Santo Pizetta: discutir com o povo

"Estes pacotes deviam ser bem mais discutidos com todo povo", diz o seu Santo Pizetta, da Linha 19, em Ajuricaba. "Mas não é o que acontece, e parece até que o Governo não compreende as coisas". O seu Santo se confessa espantado com as últimas notícias que andou escutando, e até já chegou a conclusão que o pequeno produtor não tem mais como sobreviver da agricultura. "A situação vai de um jeito", ele conta, "que o pequeno está se acabando, e vai acabar indo de vez".

Seu Santo tem 65 anos de idade, e não lembra de ter vivido uma situação parecida com a de agora. Ele recorda que se sofreu antigamente os problemas dos gafanhotos, mas mesmo naquela época, o colono conseguia superar as frustrações, "e sempre se tinha uns trocos". Os dias de

hoje se mostram bem mais difíceis: — O que a gente compra é muito caro, e não se alcança mais fazer dinheiro para comprar uma máquina, uma peça. Pra fazer financiado, o Governo não tem dinheiro, e quando sai o contrato é uma loucura o que se paga de juro.

Ele fez as contas e concluiu que os financiamentos deverão forçosamente ser deixados de lado: se pegar Cr\$ 1 milhão para fazer a lavoura, e sofrer uma frustração, só o que precisará pagar de juro do contrato, apesar da cobertura do Proagro, será ainda maior do que o dinheiro que pegou financiado. Plantar por conta, em função dos custos, também fica bastante difícil, "pois se começa a lavoura e depois não se agüenta mais que os produtos vão sempre subindo muito".

Um rude golpe

Reinhold Luis Kommers*

As medidas anunciadas no último Pacote Econômico do governo, especialmente a retirada do subsídio ao crédito rural, deixou os nossos agricultores tristes e desanimados.

Para esta região do estado, que tem suas economias baseadas na atividade agrícola, foi sem dúvida um rude golpe e criou uma situação insuportável para a nossa agricultura.

Justamente no momento em que a nossa agricultura enfrenta uma das maiores crises de sua história, com a frustração das três últimas safras, duas de soja e uma de trigo, aveia, cevada e outras culturas de inverno, os agricultores ficaram descapitalizados e endividados.

A última safra de soja, que prometia uma supersafra e que pelo resultado da mesma os agricultores esperavam equilibrar a sua situação financeira, as insistentes e intermináveis chuvas da época da colheita acabaram com os sonhos dos agricultores. Alguns ainda conseguiram colher a maior parte de suas lavouras, mas muitos, especialmente pequenos e médios agricultores, não conseguiram colher nada, estes no caso tem direito ao Proagro. Mas a situação mais difícil ainda é daqueles agricultores que conseguiram colher a metade ou um pouco mais da metade de suas safras e não têm direito ao Proagro ou outros benefícios.

Como é que estes agricultores que mal colheram suas safras farão para pagar os bancos, e como poderão saldar suas dívidas particulares e como viverão com seus familiares até a próxima safra?

Com a vinda do ministro da agricultura a cidade de Santo Ângelo e outras regiões do Estado afetadas pelas chuvas e enchentes, foram anunciadas algumas medidas para socorrer os agricultores prejudicados; como a prorrogação dos financiamentos e a liberação de parte da safra, etc. . .

Mas até o presente momento nenhuma providência concreta foi tomada. E enquanto os agricultores esperam alguma ajuda por parte do governo para amenizar os seus prejuízos, foram surpreendidos com novas medidas econômicas do Pacote que retira o subsídio dos financia-

mentos agrícolas. Tudo isso gerou um clima de descontentamento, tristeza e desânimo entre os agricultores.

Levando-se em conta os elevados preços dos derivados de petróleo, dos fertilizantes, do maquinário agrícola, herbicidas, inseticidas e demais elementos indispensáveis para a formação de uma boa lavoura, os riscos e a dependência do clima e ainda o acréscimo de altas taxas de juros de dez a doze por cento ao mês, conforme as medidas do novo Pacote, se tornará inviável a prática e a condução da nossa agricultura.

Diante desta situação, o que se pode prever é uma considerável diminuição na área de plantio por falta de recursos financeiros e conseqüentemente uma redução na produção agrícola, aumentando a inflação, desemprego e falta de alimentos para o nosso povo.

É lamentável o que está acontecendo, justamente num momento em que o Brasil enfrenta uma das maiores crises financeiras de sua história, em vez de se incentivar e amparar a nossa agricultura, que é a base da nossa economia e que no nosso entender é a única alternativa para vencermos esta crise que assola o nosso país.

Porém os nossos ministros da área econômica entendem que a nossa agricultura está inflacionando o país e tomam medidas que achatam a nossa agricultura.

Francamente não podemos compreender de onde estes tecnocratas tiram esta filosofia, porque existe uma verdade incontestável que o país que tiver uma agricultura forte e rica, conseqüentemente será um país forte e rico. Estes exemplos temos na história dos povos antigos e ainda hoje, como por exemplo os Estados Unidos, Alemanha, Holanda, etc. . .

No nosso entender, se continuar essa política e este tratamento para a nossa agricultura, a mesma está ameaçada de um fracasso e poderá trazer graves conseqüências para a economia do Brasil.

O futuro vai nos mostrar a verdade.

* Presidente do Sindicato Rural de Ijuí (classe patronal)

Desindexação, expurgo. . . O que vem a ser isto?

Apesar da novidade das palavras, os termos **desindexação** e **expurgo** não são tão difíceis assim de entender e, na prática, estas medidas inclusive já foram aplicadas na economia brasileira.

Desindexação significa simplesmente eliminar índices, e é uma palavra que surgiu para representar o efeito contrário do termo indexação, que na verdade é uma "cria" do inglês **indexation**, que pode ser entendido como um sinônimo de correção monetária. A economia brasileira vem convivendo com um grande número de índices, usados para traduzir o crescimento dos preços, ainda mais quando se vive num processo de inflação galopante. Existe o IGP (Índice Geral de Preços), que indica a inflação oficial do país, ou o crescimento dos preços. Há ainda o INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor), usado para corrigir os salários, alugueis residenciais e também os preços mínimos agrícolas. Existe a ORTN (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional), usada nas correções dos títulos governamentais e privados, dos alugueis

não-residenciais, dos ativos financeiros das empresas. Já as cadernetas de poupança, o saldo devedor dos financiamentos habitacionais, os reajustes anuais das prestações do BNH (Banco Nacional da Habitação), e os limites de financiamento do BNH, são corrigidos com a UPC (Unidade Padrão de Capital). Existe ainda a taxa cambial, usada como índice para a correção do valor do cruzeiro, das importações e exportações, e também da dívida externa do país.

MEDIDA POLÊMICA

Na prática, a desindexação já existe há muito tempo no reajuste dos salários dos trabalhadores urbanos. Mesmo com a alteração da legislação sobre os reajustes salariais, quem ganha mais de sete salários mínimos não pode contar com o percentual integral do INPC. Portanto, seus reajustes não seguem este índice. Além disso, no período de 1965 a 1978, segundo dados do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-econômicos), o salário dos trabalhadores era corrigido pela média do poder aquisitivo dos meses ante-

rios. Assim, a atualização dos salários era feita após o aumento dos preços e pela sua variação média, enquanto a correção do capital sempre foi feita pela variação total dos preços.

Uma desindexação total da economia, entretanto, não foi incluída entre as medidas do pacote. Existe a proposta de acabar com alguns dos índices, como exatamente o INPC na correção dos salários, reduzindo ainda mais o poder aquisitivo da população. Por esta proposta, apenas o salário mínimo continuaria a ser corrigido por este índice, ficando as demais faixas entregues à livre negociação entre patrões e empregados. A desindexação, por sinal, seria a medida mais polêmica, ainda mais quando a inflação vem dobrando de um ano para o outro. Dependendo do índice a ser eliminado, um setor ou outro não terá como compensar o crescimento dos preços.

NÃO CONSIDERADOS AUMENTOS

Outra palavra em moda é **expurgo** que também vem sendo chamado de **neutralização**. Ele agora foi oficializado com a

retirada da composição de alguns destes índices dos aumentos provocados com o corte dos subsídios do trigo e dos derivados do petróleo. E expurgar significa exatamente isto: não levar em consideração os custos provocados pelo aumento de alguns produtos. Para exemplificar, se o preço do pão passar de Cr\$ 100,00 a Cr\$ 150,00 — em função do aumento da farinha de trigo — a composição do INPC considerará apenas o valor de Cr\$ 100,00. Em princípio, o objetivo da medida procura transformar preços subsidiados de produtos (como vinha sendo o caso do trigo) em produtos efetivamente caros, em preços reais, refletindo sua menor oferta ou maior custo.

O primeiro expurgo atingiu o INPC, de onde foram retirados os efeitos do corte dos subsídios ao trigo e ao petróleo para os cálculos deste índice nos meses de junho e julho. Desta forma, os reajustes baseados neste índice nos meses de agosto e setembro serão menores do que a sua variação real. O INPC apurado em junho, por exemplo, deveria alcançar o valor de 8 por

UM LUGAR CERTO PARA AS MATAS

Muito antes do trigo e da soja, quando os matos ainda tinham seus lugares garantidos, a constituição vegetal do Rio Grande do Sul era formada por uma área de campos, entrecortada por florestas. Naquela época, cerca de dois quintos de toda a área do estado era composta por matos, enquanto que três quintos eram formados por campos, cerrados (vegetação baixa) e vegetação litorânea. As florestas se formavam ao longo dos rios, desde as suas nascentes.

As espécies florestais ocupavam os solos ricos e úmidos, até que iam avançando e tomando conta das terras altas e enxutas. Os campos surgiam nas áreas mais altas e mais secas, onde nem mesmo as espécies precursoras (arbustos pequenos que preparam o ambiente para as demais espécies nativas) conseguiam avançar.

Bem nas margens do rio Ijuí e seus afluentes ficava o maior número de mato fechado do estado, que só ia terminar no rio Pelotas. Esta mata virgem, que hoje já não existe mais, era formada por espécies de alto valor, ocupando solos profundos, ricos, bem drenados e irrigados pelo grande número de nascentes e rios. Por estas matas era muito

Todo o mundo sabe que é preciso reflorestar, plantando mais árvores para substituir, pelo menos em parte, as que foram derrubadas para dar lugar às lavouras. Além de servirem como forma de preservação da vida humana e animal, as árvores contribuem para o controle à erosão, enriquecem as camadas superficiais do solo, melhorando, portanto, as suas propriedades físicas, e servem ainda de abrigo e quebra-ventos.

Fora o aspecto de preservação do meio ambiente, as árvores também têm função econômica, à medida que se transformam em alternativa para o emprego da mão-de-obra da propriedade. Outra utilidade das árvores dentro de uma propriedade é a transformação em fonte de energia, através da queima da lenha.

Antes de qualquer iniciativa, o produtor que anda pensando em reflorestar deve definir suas intenções. Se pretende apenas preencher os espaços vazios em volta dos riachos, estradas, etc., e também ocupar as ladeiras pedregosas, sem nenhuma utilidade para a agricultura, deve optar pelas espécies nativas. Se sua intenção é produzir lenha, a espécie que vai apresentar resultados mais rápidos é o eucalipto.

Optando pelas nativas é importante observar as espécies que ocorrem pelas vizinhanças e procurar adequar cada uma ao tipo de solo. Segundo o Altamir Antonini, responsável pela área de Treinamento do CTC, a melhor área para qualquer reflorestamento seria aquela que melhor se adapta às culturas anuais. Diz ele:

— Mas geralmente estas áreas são ocupadas para a agricultura, e o produtor realmente precisa delas para a sua sobrevivência. Então, resta reflorestar os solos degradados, encostas com inclinação superior a 12 por cento, margens de rios, riachos, açudes, beiras de estradas, ao longo das cercas e entradas da propriedade, e em algumas áreas úmidas demais que não servem para a agricultura.

fácil encontrar canafístulas, cedro, louro, ipê, canjerana, grábia, cabriúva, angico, guajuvira, alecrim e alguns capões formados só de pinheiros. Toda a cobertura vegetal ocupava 80 por cento da região. O resto da área era formada por campos.

POUCO MAIS QUE 10 POR CENTO

Mas não foi exclusivamente através da exploração da madeira que estas matas foram desaparecendo e hoje restam pouco mais de 10 por cento de cobertura vegetal na região, contando aqui os dois Parques Florestais de Tenente Portela (as Reservas do Turvo e da Guarita). Foi justamente a exploração agrícola, através da incorporação de maiores espaços para a lavoura de trigo e de soja, que tirou as matas de seus lugares.

Com uma paisagem totalmente diferente, sem cobertura vegetal em áreas que não suportam a exploração agrícola contínua, os problemas relacionados com o solo, qualidade da água, clima e até falta de lenha, saltam aos olhos de todos, inclusive dos próprios produtores que foram desmatando suas áreas para transformá-las em lavouras.

A ESCOLHA DAS ESPÉCIES

O primeiro passo para quem vai reflorestar é escolher as espécies, procurando sempre adequá-las ao tipo de solo em que melhor se desenvolvem, garantindo resultados positivos no desenvolvimento das árvores. Os solos profundos e bem drenados devem ser destinados à exploração agrícola. “É o melhor jeito do produtor aproveitar a área”, diz o Altamir. Mas se a área não está fazendo falta para a lavoura, ela pode ser aproveitada com a erva-mate que é bastante exigente em fertilidade. A canafístula, a canjerana, o louro, o cedro, o pinheiro, a bracinga, o camboatá, ipê, grábia, a timbaúva, o alecrim, também são espécies que gostam de solos profundos.

Além da ornamentação da propriedade, estas outras nativas servem para a produção de madeira e lenha, de proteção ao solo contra a erosão. Algumas nativas como o louro e a canafístula têm grande aproveitamento na produção de mel. Qualquer uma destas espécies, inclusive a erva-mate, também pode ser plantada ao longo das cercas, na entrada da propriedade, perto de instalações de animais, fornecendo também muita sombra.

Caso o solo se apresente pedregoso e de pouca profundidade, não servindo para a agricultura, proporcionando um rendimento muito baixo, o jeito é cobri-lo com angico, guajuvira, timbaúva, cabreúva, canela-de-veado e guatambú. O angico, a guajuvira e a timbaúva são as espécies que melhor se adaptam a este tipo de solo, e suas raízes penetram nas fendas das pedras.

NA BEIRA DOS RIOS, RIACHOS

Ao longo dos cursos dos rios, riachos e sangas, onde é importante a presença de espécies vegetais, é recomendado o plantio de espécies frutíferas de folhas perenes, assim como o araticum, a guabiroba, a uvaia, a pitangueira, o ingá,

o tarumã, a cerejeira, o marmeleiro, a jaboticaba, e sete-capotes. Segundo o Altamir, estas são as espécies que melhor se adaptam aos solos úmidos.

— Além de impedirem que a terra das lavouras atulhe os leitos dos rios, os frutos destas espécies fornecem alimentos para os animais, tanto para os que vivem na água, como para os terrestres.

Em solos pobres e secos se recomenda o plantio do timbó, da bracinga, da timbaúva e da aroeira. As espécies que mais agüentam diferentes tipos de solo são a timbaúva, o angico e a guajuvira.

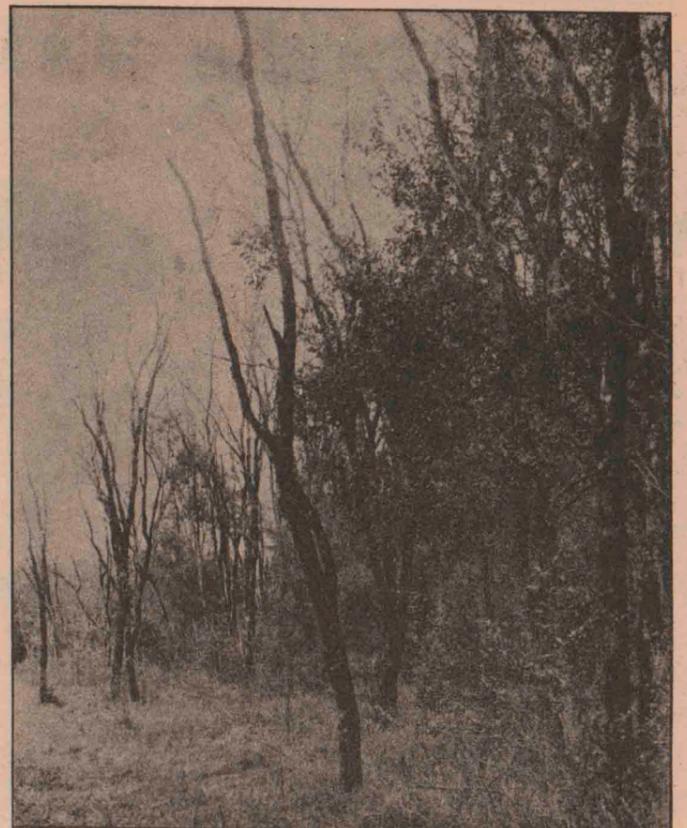
Também pode-se reflorestar uma área plantando de tudo um pouco, formando um mato bem misturado. Só que nestes casos é bom observar o ambiente natural de cada espécie, aquelas que geralmente nascem e sobrevivem juntas. Podem ser consorciadas num mato só, a erva-mate, o pinheiro brasileiro, o louro, o cedro e o camboatá. Ainda são exemplos

de consorciação a pitanga com o açoita-cavalo, com a guajuvira e com a guabiroba.

SEM NOVIDADE

O plantio das mudas não tem novidade e o produtor pode até fazer as mudas em casa mesmo. Basta fazer uma cova de uns 30 centímetros de profundidade, para que a raiz possa se desenvolver normalmente, e muito adubo orgânico.

As mudas devem ser plantadas num período chuvoso, entre junho e setembro, sempre observando um espaçamento de quatro metros de distância entre uma muda e outra. Não é necessário fazer a limpeza da área onde as mudas foram plantadas, pois as ervas e os inços que cobrem o solo são anuais e desaparecem após o fim do ciclo. Essa cobertura vegetal é responsável pela proteção do solo quanto à erosão, até evitando que as chuvas carregem as mudas. Ao morrerem, as ervas incorporam matéria orgânica ao solo.



Hoje resta pouca coisa da cobertura vegetal existente há anos atrás

Situação original e atual das florestas na Região Pioneira

ÁREA TOTAL		ÁREA FLOR. ORIGINAL		ÁREA FLOR. ATUAL	
ha	%	ha	%	ha	%
545.000	100	480.000	80	62.500	10,42

Origem dos dados: Imagens Landsat/75. Base Cartográfica — DSB — Sudesul. Edição/78.

ESPÉCIE	TIPO DE SOLO	APROVEITAMENTO
Açoita cavalo	úmido	madeira, lenha
Bracinga	pobre, seco	lenha, madeira, tanino
Canafístula	profundo	madeira, ornamental
Canjerana	profundo	madeira
Caroba	profundo	madeira
Louro	profundo	madeira, lenha
Timbaúva	menos em solo molhado	madeira, ornamental
Erva-mate	profundo	erva-mate, ornamental
Cedro	profundo	madeira, ornamental
Guajuvira	úmido, pedregoso	madeira, lenha
Pinheiro Brasileiro	profundo	madeira, frutos
Angico	úmido, pedregoso	madeira, lenha
Camboatá	profundo	madeira, lenha
Cereja *	leve, fértil, úmido	frutos, ornamental
Guabiju *	fértil, pedregoso	frutos, ornamental
Guabiroba *	fértil, úmido	frutos
Ingá *	leve, úmido	frutos, ornamental
Jaboticaba *	fértil, úmido	frutos, ornamental
Pitanga *	fértil, pedregoso, úmido	frutos, ornamental
Sete-Capotes *	fértil, leve	frutos, ornamental
Uvaia *	leve, úmido	frutos, ornamental
Araticum *	leve, úmido, fértil	frutos, ornamental

(*) Espécies nativas frutíferas que, além de servirem de alimentos para a fauna, são também consideradas árvores melíferas, já que suas flores são ricas em pólen e néctar.

O interesse pela erva-mate

Foi justamente em 1980 que a erva-mate voltou a despertar interesse entre os produtores e até a ocupar um espaço maior dentro da propriedade. Também existiam razões para tanto interesse: faltava produto no mercado e o preço da erva industrializada andava por Cr\$ 80,00 o quilo. Só naquele ano, por exemplo, a Cotrijú distribuiu perto de 80 mil mudas de erva-mate, contra as 1.288 mudas que havia sido distribuídas no ano anterior. De lá para cá, o produtor interessado continuou formando seu ervalzinho, não com a mesma intensidade, mas não deixando de plantar. Em 81, por exemplo, foram distribuídas entre os associados da Região Pioneira, umas 15 mil mudas de erva e em 82, esse número não ficou muito longe.

A erva-mate é uma planta exigente, requer solos férteis, terrenos profundos e bem drenados, com alto teor de matéria orgânica. A cova para o plantio da muda deve ser feita com mais ou menos uns dois meses de antecedência, com 40 centímetros de largura por uns 50 de profundidade. No fundo da cova devem ser colocados uns 10 centímetros de palha, mais terra de mato e uns 15 quilos de adubo orgânico curtido, suplementado com 200 gramas da fórmula 4-28-20. Essa palha, que tanto pode ser de milho como de soja, vai auxiliar no enraizamento da planta. O solo ao redor da muda também deve ficar coberto de palha, para

conservar a umidade por maior tempo.

O espaçamento para o plantio das mudas fica em 2,5 metros de distância entre árvores e 3 metros entre linhas, até 2,5 x 6 metros. A vantagem do espaçamento é para permitir o cultivo de outras culturas, como a mandioca, o milho ou até a soja.

A muda jovem é bastante sensível ao frio e à insolação direta. Para evitar estes fatores recomenda-se a colocação de pequenas tábuas ou folhas de coqueiros nos lados leste e oeste. Outra alternativa seria a de cultivar o milho, o feijão ou ainda a mandioca entre as linhas, para dar sombreamento às mudas.

A poda de formação da árvore, que só deve ser feita quatro anos depois do plantio, consiste num corte no tronco da árvore a uma distância de 80 centímetros do chão, deixando criar de três a quatro ramos para formar a copa. A exploração da erva somente vai iniciar a partir do sétimo ano, quando o rendimento de folhas e ramos finos pode alcançar 30 quilos de erva. Após três anos, quando a árvore estiver no décimo ano, se faz o segundo corte, e a produção pode alcançar até 45 quilos de erva por pé. Volume satisfatório de produção só será alcançado entre 13 a 15 anos, quando uma árvore tem condições de produzir uma média de seis arrobas (90 quilos) de produto verde.

O eucalipto garante madeira

O eucalipto tem sido responsável pela preservação de algum mato nativo que ainda existe por esse Rio Grande afora. Se não fosse o eucalipto, o que ainda resta de mato já teria sido derrubado e transformado em lenha ou madeira. Só na Região Pioneira, por exemplo, o reflorestamento com eucalipto, passou de 39.270 mudas em 79, para 800.000 mu-

das em 80. Em 81, foram distribuídas entre os associados, por volta de 550 mil mudas, enquanto que em 82, 325 mil mudas. Isso vem demonstrar o interesse dos produtores da região em ocupar com o eucalipto suas áreas improdutivas.

Espécie exótica, bastante rústica e originária da Austrália, o eucalipto se adapta perfeitamente em nossos solos

e vem sendo usado amplamente visando uma rápida produção, tanto para fins energéticos (lenha) como para fins de aproveitamento de palanques, tramas, postes, varas para construções e industrialização de toras. A madeira do eucalipto tem um alto poder calorífico, queimando bem e produzindo muita energia. Outra vantagem do eucalipto é que contribui de maneira acentuada para a produção de mel. A espécie "eucalipto robusta", é a que traz melhores benefícios às abelhas, já que suas flores são ricas em néctar e pólen.

Fazer mudas de eucalipto na própria propriedade não tem nenhum segredo. Basta semear algumas sementes (em torno de 150 gramas) em uma sementeira de um metro quadrado, e depois fazer o replantio. Com essa quantidade de semente o produtor pode tirar tranquilamente perto de cinco mil mudas e reflorestar cerca de dois hectares com eucalipto nas áreas improdutivas para lavoura (em volta de cercas, de estradas, perto de instalações e até da propriedade, para servir de quebra-vento). O primeiro corte do eucalipto pode ser feito no quarto ou quinto ano após o plantio. Outro detalhe a ser observado, para que se obtenha os resultados desejados, é o cuidado de sempre adaptar a espécie ao tipo de solo adequado, com mostra a tabela ao lado.

Espécies recomendadas, tipos de solos e utilidade

ESPÉCIE	TIPO DE SOLO	PRODUTOS, UTILIDADE
Eucalipto salina	leve, drenado	lenha (3º lugar em qualidade), madeira, varas e postes.
Eucalipto grandis	leve, drenados, pobres com erosão, em vossorocas	lenha (2º lugar em qualidade), madeiras, varas, postes. Servem para quebra-ventos. Regeneração natural
Eucalipto rostrata	leve, úmido	lenha, madeira em geral
Eucalipto tereticornis	leve e drenado, livre de geadas	lenha (1º lugar em qualidade), madeiras, varas e postes
Eucalipto viminalis	úmido e normal. Resistente à geadas	lenha e madeira
Eucalipto robusta	úmido e normal	lenha, madeira. De grande utilidade na produção de mel, já que suas flores produzem grande quantidade de néctar e pólen.
Eucalipto maculata	pedregosos e pobres	lenha, madeira
Eucalipto citriodora	sensível à geadas e ao frio	Produz madeira de melhor qualidade

Comparação de crescimento médio de essências nativas e eucaliptos

ESPÉCIES	IDADE							
	6 Anos		12 Anos		18 Anos		30 Anos	
	D (cm)	A (cm)	D (cm)	A (cm)	D (cm)	A (cm)	D (cm)	A (cm)
Angico	12	6,35	24	14,3	29	20,4	36	28
Cedro	7	3,45	12	6,9	15	10,2	24	16
Ipê Roxo	3	3,77	4	5,0	6	8,0	—	—
Eucalipto	13	13	21	21	33	26	39	32

D — Diâmetro A — altura

A herança do pai: o gosto pelo mato

"A maior herança que recebi do meu pai, e que estou procurando transmitir aos meus filhos, foi o gosto pelo mato", conta o seu Egon Eickhoff, de Linha Floresta, em Ijuí. No tempo em que era criança, seu pai tinha uns 60 hectares de terra, sendo que uns 15 eram formados de pura mata virgem. Lenha e madeira para o consumo da propriedade é que não faltavam, como diz o seu Egon:

— Nasci e me criei aqui, neste ambiente. É claro que quando meu pai comprou estas terras, quase tudo era mato, mas o alambique e o barbaquá consumiam muita lenha, e muito mato teve de ser derrubado. Mas meu pai sempre procurava plantar alguma coisa, nem que fosse o timbó. Depois veio a necessidade de criar áreas para as lavouras, e mais mato foi derrubado.

Hoje o seu Egon e seus irmãos não se descuidam do reflorestamento na propriedade, e mesmo que as enchentes do mês de maio tenham levado muita muda embora, o seu Egon não desanima. E garante que vai repor todas as mudas, porque uma enchente assim não ocorre tão seguido.

— Tenho 42 hectares de terra. Destes, uns oito são de mato, onde tenho plantado de tudo um pouco, desde guajuvira, pitangueira, canela-de-vedo, angico, sete-capotes, timbó, camboatá, cerejeiras, araçá, jaboricabeiras, uvaia e um pouco de uva japonesa que plantei ao longo da cerca, que é para o gado aproveitar um pouco as folhas e as frutas como alimento.

PERTO DO RIO

Só ao longo do rio Ijuí, que passa pela sua propriedade, o seu Egon já reflorestou uns dois mil metros. Também já decidiu que de agora em diante não planta mais milho e nem soja perto do rio, pois toda a vez que dá uma enchente, vai tudo embora:

— Plantar soja perto do rio dá mais dinheiro que o mato, mas se toca de dar uma enchente, vai toda a lavoura embora, que nem me aconteceu neste ano. Agora já decidi: só vou plantar árvores nestas baixadas.

Só para mostrar o estrago que o desmatamento causa nas margens dos rios, o seu Egon conta que até uns 10 anos atrás, um poço que dá bem nos fundos da sua propriedade media quase uns 15 metros de profundidade, mas hoje não mede nem a metade. O poço não tem mais do que cinco metros de profundidade. Isso é só para ter uma idéia da quantidade de terra que desceu das lavouras e atulhou o leito do rio.

— Sempre contava prós meus vizinhos, dizendo que aquele poço era a parte mais funda do rio. Um dia destes fomos medir para tirar as dúvidas e até passei vergonha. O poço não tem mais do que cinco metros de profundidade. Isso é só para ter uma idéia da quantidade de terra que desceu das lavouras e atulhou o leito do rio.

A VOLTA DOS ANIMAIS

Desde que começou a dispensar um cuidado maior ao mato, fechando tudo num porteiro para que o gado não estrague as mudas mais novas, o seu Egon diz que muito animal começou a aparecer, inclusive o serelepe, que andava meio desaparecido, e também o lebrão. Só de saracuras ele já conseguiu identificar três casais, fora alguns jacus, marrequinhas e muito quero-quero. Para aproveitar melhor a potencialidade do mato, resolveu criar alguns enxames de abelhas, apenas para tirar mel para o consumo da casa.

Se ouve: muito falar em reflorestamento, mas o seu Egon diz que ninguém faz alguma coisa de concreto. "Nem financiamento para o reflorestamento existe". Quem quiser reflorestar algum pedaço de sua terra terá de contar com recursos próprios, mesmo sabendo que o retorno não é imediato e muito menos direto, como explica:

— Não é fácil reflorestar. O custo da terra está muito alto e hoje vivemos numa corrida violenta, onde o mais importante é tirar para a sobrevivência. E a bem da verdade, onde cresce um pé de árvore, dá muito soja. E a maioria do pessoal não vê futuro em reflorestar, mesmo que não encontre um pedaço de lenha pelas redondezas. E sempre que dá uma safra cheia, se vai toda a tal de diversificação por água abaixo, e também o que resta de mato.



Egon Eickhoff: ninguém faz nada de concreto

Ajocoop agora interiorizada

A interiorização da Ajocoop (Associação dos Veículos de Comunicação das Cooperativas) foi decidida na última assembléia da entidade, quando foi eleita sua nova diretoria. A assembléia, que aconteceu dia 17 de junho, indicou como presidente da Associação o jornalista Edson Lemos, editor do Cotrifatos (da Cotrisa). Christina Brentano de Moraes, do Cotrijornal, ficou na vice-presidência, enquanto Maria Alice de Souza, do Cotrinotícias (de São Borja), foi eleita secretária, e Mário Ramborger, do Cooperativista (de São Luiz Gonzaga), tesoureiro. Como integrantes do Conselho Fiscal ficaram Silvio Peter (O Interior, da Fecotrig), Gilberto Amaral (do Cotricruz, de Cruz Alta) e Valdir Schardong (do Informativo Languirú, de Languirú).

A composição da diretoria executiva levou também em consideração a proximidade das cidades, facilitando as reuniões periódicas e as discussões sobre a imprensa cooperativista. No programa de trabalho já ficou definida a realização de um seminário estadual a cada semestre, permitindo o aprofundamento das discussões e também o aperfeiçoamento dos profissionais.

Um levantamento minucioso da situação do alho nacional

A situação do alho no Brasil foi o assunto do "V Encontro Nacional de Produção e Comercialização de Alho" realizado em Belo Horizonte, Minas Gerais, de 14 a 16 de junho. Debateram a problemática do alho desde representantes de cooperativas, de bancos, de sindicatos de atacadores, até importadores e técnicos de pesquisa. O agrônomo Hélio Ito Pohlmann representou a Cotrijuí no encontro, já que é o responsável pela produção de alho na cooperativa.

Nos três dias de debates foi feito um levantamento minucioso da atual área de plantio de alho no Brasil, analisada a melhor época de comercialização e o volume de produção nacional, bem como a sua participação no mercado interno. "O pessoal ainda fez uma revisão da disponibilidade de semente para a próxima safra, e procurou estabelecer uma política de importação", conta o Hélio.

Os resultados dos debates foram todos colocados no papel. "Esse documento", diz o Hélio, "está sendo enviado às diversas áreas do Governo Federal". Além das estimativas de área de plantio de alho para a próxima safra (em torno de 13.976 mil hectares) e de produção (perto de 50.787.000 quilos), também inseridas no documento, o pessoal fez algumas reivindicações: redução das importações de alho da Espanha; retardamento da entrada de alho da Argentina para abril de 1984 (antes ele entrava em março); maior fiscalização sobre o alho contrabandeado; maior estímulo à pesquisa, visando redução nos custos, e alteração nas regras do Proagro, incluindo o período de cura como sendo ciclo da planta. No final do documento sugeriram que antes de qualquer mudança nas regras de importações, sejam consultados os representantes dos produtores.

Núcleos femininos: a arte desenvolvida através da pintura



As participantes do curso em Dr. Bozano



Em Santa Lúcia, 24 alunas concluíram o curso

Os dois primeiros cursos de estamparia em tecidos — molde vazado —, para esposas e filhas de associados organizados pelo setor de Comunicação e Educação da Cotrijuí, foram concluídos no final do mês de maio nos núcleos de Dr. Bozano e Santa Lúcia, em Ijuí. Os cursos, que se estenderam pelos meses de abril e maio, foram ministrados pela estagiária em economia doméstica, Clarice Filipin, mas com a coordenação do Departamento de Comunicação e Educação da Unidade de Ijuí.

Com uma duração de 52 horas/aula, os cursos proporcionaram às participantes a oportunidade de desenvolverem suas capacidades artísticas, através de pinturas em panos de pratos (motivos de frutas e legumes), em almofadas, panos, camisetas, toalhas de banho e jogos de cozinha.

No núcleo de Dr. Bozano, participaram do curso Beatriz Hartmann, Clarice Vieira, Claudete Vieira, Cleuza D. Batista, Elizete Bagolim, Eunice Lorenzoni, Evanilde Manchini, Fátima Manchini, Gelci Viecili, Enelde Sandri, Leci Odi, Liane Buzetto, Mariza Idalêncio, Marlei Filipin, Olívia Razia, Rosa M. Cigana, Vera L. Galli, Ivanete Foletto, Juraci Filipin e Clarice de Lima.

Em Santa Lúcia, 24 participantes concluíram o curso: Amir Vieira, Eliziane Filipin, Catharina Dal Molin, Cleci Costa B. Vione, Vilma Vieira, Janete Filipin, Dirce Vieira, Juraci Zanetti, Licia Massafra, Sonelei Massafra, Aleane S. Vieira, Nerli F. Cosoin, Alice Costa Beber, Neila Zambom, Izolda

Foletto, Gema Costa Beber, Almanir Costa Beber, Isabel R. dos Santos, Judit R. dos Santos, Ivanilde Tolfo, Gedacéi Vieira, Ana Leda Costa Beber, Tereza Didonef, Neiza Moraes e Dione Moraes.

RETORNO AO QUADRO SOCIAL

O encerramento do curso de núcleo de Dr. Bozano aconteceu no Centro Comunitário, no dia quatro de junho, e em Santa Lúcia no dia 25 de junho, e contaram com a participação do Gerente da Unidade de Ijuí, Clóvis Rorato de Jesus, da Coordenadora do Departamento de Comunicação e Educação, Noemi Huth e de Clarice Filipin. Nos dois encerramentos foram expostos todos os trabalhos realizados pelas participantes dos cursos, que também receberam lembrancinhas (lencinhos pintados a mão) da professora Clarice.

Tanto o Clóvis de Jesus como a Noemi Huth, salientaram durante os dois encerramentos a importância da cooperação e organização do quadro social. Lembraram que a realização dos dois cursos significa mais uma fonte de renda na propriedade e também uma forma de dar continuidade ao trabalho que vem sendo desenvolvido nos núcleos cooperativos, objetivando uma maior participação da mulher e da família no meio cooperativo. Estes trabalhos desenvolvidos a nível dos núcleos (seja através de reuniões ou cursos) representam um retorno ao quadro social em forma de prestação de serviços.

Stauffler
Eradicane

REG. DIFPROF/SEDEV/AMA N.º 022861

COMPOSIÇÃO:
100 g de propil-bis-carbamato (EPTC) 800 gramas/900 g
10 g de ácido dicloro-essigado 80 gramas/900 g
ingredientes inertes 80 gramas/900 g

HERBICIDA SELETIVO PARA CONCENTRADO EMULSÃO

REGISTRANTE E MANIPULADORA:
STAUFFER PRODUTOS QUÍMICOS

ESCRITÓRIO:
Av. Brig. Faria Lima, 2003 - 17º andar
Ca. Postal 251 - 05511 - São Paulo-SP
Fone Telex: STAUFCHEN
Telex 011 242574
Telefone 011 210-8633
COC 02 431 979-0001-05

FABRICA:
Rotaonda Rio
Carapicuíba
CEP 13340 - P.
Fones (019) 172
Telefones 019 92
COC 02 431 979

ERADICANE — a nova solução de Stauffer Chemical Company, Westport, Conn., USA

Chegou o herbicida que entende de milho...

... e de capim marmelada-papuã.

Testado durante muitos anos, Eradicane foi aprovado e recomendado pelos órgãos oficiais de pesquisa, muito antes de ser comercializado.

Eradicane controla as ervas daninhas mais problemáticas, como o capim marmelada-papuã (a principal invasora), tiririca, sorgo-de-alepo (capim massambará) e grama seda (capim fino), além de possuir poder de controle sobre algumas invasoras de folhas largas (guanxuma, beldroega, caruru e corda-de-viola).

Mais do que isso, Eradicane é altamente seletivo

para a cultura do milho (inclusive para híbridos simples). Pode ser aplicado no plantio consorciado milho x feijão, não necessita de umidade para ser aplicado e tem bom poder residual, oferecendo total segurança na rotação de culturas.

Eradicane — a nova solução para o velho problema com ervas daninhas.



Stauffler Produtos Químicos Ltda.
Av. Brig. Faria Lima, 2003 - 17º andar
Tel. (011) 210-8633 - CEP 01480 - São Paulo-SP

Central de Hortigranjeiros instala posto regional em Ijuí

Formada desde o início por cooperativas de produção, quase todas localizadas na grande Porto Alegre (como de Rolante, Santa Tereza, Torres, Ibiraiaras e outras), a Central sentiu necessidade de também se aliar às cooperativas de consumo, atingindo ainda o interior do Estado. "Destá forma, explica o Nelci Pedro Baroni, responsável pelo posto de hortigranjeiros da Cotrijuí, "a Central além de prestar um serviço, abastecendo com hortigranjeiros suas novas filiações, estará buscando um maior fortalecimento do sistema como um todo".

O posto vai funcionar em Ijuí, no mesmo prédio onde está instalado o entreposto de hortigranjeiros da Cotrijuí (Rua do Comércio). A decisão foi das próprias cooperativas da região

que passam a participar da CCGH (Santo Ângelo, Santa Rosa, Panambi, Ibirubá, São Luiz Gonzaga e Santa Bárbara), por considerarem o ponto mais central. "A Cotrijuí, por sua vez", explicou o Baroni, "estará apenas alugando uma parte de seu prédio à Central".

Toda a distribuição de produtos entre as cooperativas da região filiadas a Central, será feita de forma programada. As cooperativas encaminham seus pedidos com antecedência para evitar falta de produtos na hora do carregamento. "Toda a programação do posto da CCGH será feita com antecedência, para evitar sobras de produtos", explica o Baroni.

TRANQUILIZANDO

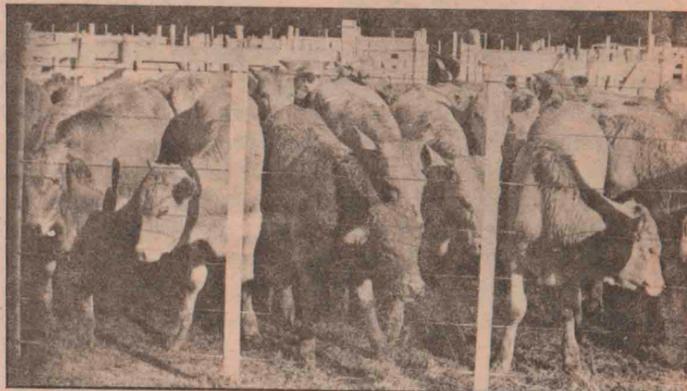
Em princípio, garante o diretor da Regional Pioneira, Bru-

no Eisele, os produtores associados da Cotrijuí podem ficar tranquilos, pois o posto de hortigranjeiros continuará prestando assistência, como tem feito até agora. "Nada vai se modificar. Nossos produtores continuarão entregando seus produtos no entreposto como sempre fizeram".

Uma das maiores vantagens da descentralização da CCGH, buscando novas filiais pelo interior, segundo o seu Bruno, está no fato de que é mais uma forma de fortalecer o sistema como um todo. "Quem dera, por exemplo, que um número maior de cooperativas se filiassem a Central de Carnes". Por outro lado, o seu Bruno vê a instalação do posto como mais um mercado que se abre aos produtores de hortigranjeiros da região. "Vem fortalecer as produções locais dos diversos municípios participantes da Central. Só serão buscados fora os produtos que não existirem na região", diz ainda seu Bruno.

O posto de distribuição de hortigranjeiros da Cooperativa Central Gaúcha de Hortigranjeiros vai ficar mesmo em Ijuí, começando a operar ainda no mês de julho. O posto é o resultado dos contatos mantidos entre o presidente da CCGH, Hermes Bitencourt, com dirigentes de cooperativas da região em meados de abril, e significa muito mais uma descentralização da Central e uma aproximação com as cooperativas do interior do que apenas a distribuição e abastecimento de hortigranjeiros.

Faltaram lances na Feira do Terneiro



A frustração da soja influenciou nos negócios

"Uma Feira atípica", disse o Valdir Groff, Inspeção Zootécnica da Secretaria da Agricultura e que atua junto ao departamento técnico da Cotrijuí, quando se referiu a "Feira do Terneiro", etapa de Ijuí, realizada nos dias 6, 7 e 8 de junho, no Parque de Exposições "Assis Brasil". "Foi uma Feira diferente das anteriores", falou ainda, dizendo que não houve nenhuma disputa através de lances.

A falta de lances pelos terneiros em leilão, segundo o Valdir, se justifica pelo simples fato de que este ano, devido ao fracasso da safra de soja, o produtor ficou descapitalizado. O valor inicial muito alto, proposto pelo leiloeiro, também inibiu os compradores, que não se arriscaram a fazer qualquer disputa por lances.

"Todos estes aspectos levaram a um esfriamento nas disputas pelos animais em pista".

Apesar de todos estes aspectos negativos e do reduzido número de animais (dos 990 inscritos, compareceram 719), o movimento financeiro da Feira pode ser considerado bom. A comercialização durante a Feira atingiu o montante de Cr\$ 24 milhões e 71 mil.

Foram comercializados 689 terneiros dos 719 colocados à venda. O lote de maior preço alcançou o valor de Cr\$ 51 mil por animal. O preço médio pago por terneiro ficou em Cr\$ 37.089,37, enquanto que o preço médio pago por quilo foi de Cr\$ 206,27. O peso médio dos animais inscritos na Feira ficou por volta de 178 quilos.



A distribuição de produtos será feita de forma programada

Os custos da Unimed

As novas inscrições no Plano Cooperativo de Saúde Cotrijuí/Unimed podem ser feitas até o dia 30 de julho em todas as unidades da Cooperativa na Região Pioneira. O assunto já foi abordado na edição do Cotrijornal (a de número 104, referente ao mês de maio), mas na época ainda não estava definido o custo mensal deste plano e os valores a serem pagos com fator moderador nas consultas médicas.

Para o plano de pequeno risco, que prevê unicamente consultas médicas e exames complementares (dispensando atendimento hospitalar), o custo mensal será de Cr\$ 1.682,00 por pessoa, isto durante todo segundo semestre de 1983. O plano de grande risco,

que inclui também hospitalizações, exames especializados (eletroencefalogramas, eletrocardiogramas, etc), e cirurgias, terá o custo assim discriminado:

Até 3 pessoas: Cr\$ 3.150,00 por pessoa; de 4 a 6 pessoas: Cr\$ 2.850,00; Acima de 7 pessoas: Cr\$ 2.650,00.

A taxa de inscrição para novos beneficiários do plano foi estabelecida em Cr\$ 460,00 por pes-

soa. As exclusões, por parte dos associados que não têm mais interesse em participar do plano de saúde, somente poderão ser feitas no final de dezembro, quando o convênio com a Unimed deverá ser renovado.

O atendimento médico e os exames de laboratório serão prestados atendendo a seguinte tabela de participação:

CLASSE	FATOR MODERADOR	PART. EXAMES
A (empregado rural)	550,00	10%
B (Pequeno produtor)	1.500,00	30%
C (Empregador rural)	3.050,00	50%

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE SANTO AUGUSTO

CGC 96.349.717/0001-12 - Rua Dr. Moisés Viana, 460

PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA PARA O EXERCÍCIO DE 1984

O SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE SANTO AUGUSTO, nos termos da legislação vigente, publica a sua PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA para o EXERCÍCIO DE 1984, aprovada em ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA realizada no dia 27 DE MAIO de 1983, nos seguintes termos:

G. DE CONTAS	RECEITA:		
	P/CONTA R/SINDICAL	P/CONTA R/PRÓPRIA	TOTAL
11 Rendas Tributárias	2.000.000,00	-	2.000.000,00
12 Rendas Sociais	-	58.000.000,00	58.000.000,00
13 Rendas Patrimoniais	-	1.200.000,00	1.200.000,00
14 Rendas Extraordinárias	-	17.700.000,00	17.700.000,00
Total da Receita	2.000.000,00	77.100.000,00	79.100.000,00
G. CONTAS	DESPESAS		
	P/CONTA R/SINDICAL	P/CONTA R/PRÓPRIA	TOTAL
21 Administração Geral	-	24.600.000,00	24.600.000,00
23 Assistência Social	2.000.000,00	30.700.000,00	32.700.000,00
24 Out. Serv. Sociais	-	1.800.000,00	1.800.000,00
Total do Custeio	2.000.000,00	57.100.000,00	59.100.000,00
31 Aplic. de Capital	-	20.000.000,00	20.000.000,00
	2.000.000,00	77.100.000,00	79.100.000,00

Santo Augusto, 27 de maio de 1983

Valcir Luiz Gonzatto
Presidente

Lino Alberto Depieri
Tesoureiro

Mário Zambenedetti - Téc. Contábil - CTC-RS 22514 - CPF 080510200-06

De cultura marginalizada, o milho começa a virar moda, ganhando ares de quem pretende preencher os espaços deixados pela soja, que em função das tantas frustrações começa a perder lugar na lavoura do produtor. Se o milho vai ou não se transformar na cultura dos anos 80, como muito se tem falado, ninguém pode assegurar. O que se pode garantir é que ela começa a ganhar novos espaços, depois de ter permanecido por muito tempo como "cultura de fundo de quintal", ocupando as piores áreas, sem nenhuma tecnologia e como uma produção direcionada para as necessidades básicas da propriedade.

Enquanto a soja abarrotava os armazéns, o milho continuava ocupando seu cantinho na propriedade, sem nenhum incentivo oficial. As linhas de crédito estavam todas dirigidas basicamente para culturas de exportação, como a soja, e nenhum produtor se arriscava a investir numa cultura que nem preços compensadores era capaz de oferecer.

Na verdade o milho apenas está voltando à propriedade. Ele já foi uma das principais culturas da região, embora sempre tenha apresentado um rendimento abaixo da média, por volta de 1.800 quilos por hectare. "O

milho", diz o agrônomo Luiz Volnei de Mattos Viau, "é a cultura "número um" da propriedade, pois de forma simples, através da alimentação dos animais, é transformado em carne, ovos, leite e outros subprodutos utilizados no consumo da propriedade". O Volnei justifica a importância que o milho já representou para a economia da região lembrando que o próprio desenvolvimento da agricultura regional teve suas bases na cultura do milho. Em 1932, por exemplo, o milho teve uma participação de 86 por cento na economia do município de Ijuí. E foi a partir de 1939 que começou a perder lugar, primeiro para a mandioca, depois, bem mais tarde, para a soja.

Os espaços para a cultura do milho estão se abrindo. Resta saber, porém, "se não vai terminar como mais uma cultura dependente, a geradora de novas frustrações ao produtor, que de ciclo em ciclo (primeiro o da carne, depois o do trigo e agora o da soja, que também já chega ao fim (Ver. Cotrijornal de novembro/81) vem perdendo o pouco que ainda lhe resta. A terra só lhe tem trazido frustrações.

O NOVO ESPAÇO DO MILHO

Terceiro cereal em importância no mundo, o milho representa "a grosso modo", segundo Renato Borges de Medeiros, diretor Agrotécnico da Cotrijuí, "um quarto da produção de grãos do mundo". No ano de 1980 sua produção atingiu 380 milhões de toneladas, contra 440 milhões de toneladas de trigo (o primeiro cereal em importância no mundo). O arroz ocupa o segundo lugar.

Nos países desenvolvidos, entre os quais podemos encontrar os Estados Unidos, o milho além de ser a principal cultura, destaca-se pela alta produtividade. Como exemplo da alta produtividade do milho o Renato Medeiros diz que os 440 milhões de toneladas de trigo foram produzidos em nada mais nada menos do que em 240 milhões de hectares, apresentando uma produtividade média de 1.800 quilos por hectare, enquanto que os 380 milhões de toneladas de milho foram produzidos em pouco mais de 120 milhões de hectares. A produtividade do milho ficou em torno de 3.150 quilos por hectare. "Essa alta produtividade por hectare em relação aos demais produtos, somada a ampla adaptação ao clima e a versatilidade de se transformar em subprodutos, torna o milho uma cultura de grande importância, e que até precisaria ser levada mais a sério", diz o Renato Medeiros.

Os números mostram ainda que, atualmente, cerca de 53 países do mundo produzem mais de 100 milhões de toneladas de milho. Os Estados Unidos produzem 200 milhões de toneladas e o Brasil, produz ao redor de 22 milhões de toneladas, e é o terceiro produtor mundial. O restante da produção fica para a China e outros países. Aliás, Estados Unidos, Brasil e China garantem, juntos, dois terços da produção mundial de milho.

Mais ou menos 60 por cento da produção mundial de milho vem sendo obtida pelos Estados Unidos, Canadá e países da Europa Ocidental. Os outros 30 por cento, por países em desenvolvimento, como o Brasil, México, Argentina e Índia. O restante, 10 por cento, é produzido por países da Europa Oriental e mais a Rússia.

RENDIMENTO MÉDIO

Em 1979 o rendimento médio de milho por hectare observado em países

desenvolvidos, andou por volta de 5.400 quilos por hectare, enquanto que o rendimento médio mundial ficou em 3.400 quilos por hectare. O rendimento médio dos países em desenvolvimento ficou em 1.800 quilos por hectare.

Voltando um pouco mais atrás no tempo, vamos ver que o milho nunca produziu bem no Brasil. Sua produtividade sempre foi baixa. Em 1976, por exemplo, o rendimento foi de 1.596 quilos por hectare; em 1977, de 1.632 quilos por hectare; em 1978 foi de 1.219 e em 1979, de 1.440 quilos por hectare. No Rio Grande do Sul o rendimento médio por hectare foi de 1.600 quilos em 1977; em 1979 foi de 1.036 quilos e na safra de 80 de 1.699 quilos, quando foram cultivadas 1,9 milhões de hectares.

O crescimento do milho em termos de rendimento por hectare nos países em desenvolvimento, ficou na proporção de 1,2 por cento, no período de 1961 a 1981, enquanto que o crescimento da área foi de 2,5 por cento. Nota-se que nestes países, como Brasil e México, por exemplo, a produção de milho vem crescendo mais em função da área do que do rendimento. Aliás, com os demais produtos (trigo e arroz) a situação não muda muito. Neste mesmo período o arroz cresceu em produtividade apenas 1,7 por cento enquanto que a área cresceu 2,7 por cento. O trigo cresceu apenas 2,5 por cento em rendimento e 4,6 por cento em área.

Nos países desenvolvidos a situação é bastante parecida. A média de crescimento em termos de rendimento do milho ficou, considerando o mesmo período (de 1961 a 1981), em 2,9 por cento e a área em 3,8 por cento. O arroz cresceu apenas 0,7 por cento em rendimento e um por cento em área. O trigo 2,8 por cento em rendimento e 2,9 por cento em área de cultivo.

Atualmente, o Brasil e a Argentina são os países da América Latina que oferecem maior disponibilidade de aumento de área para o cultivo do milho.

MÉDIA DE CONSUMO

Mais de 70 por cento da produção de milho tem sido destinada à alimenta-



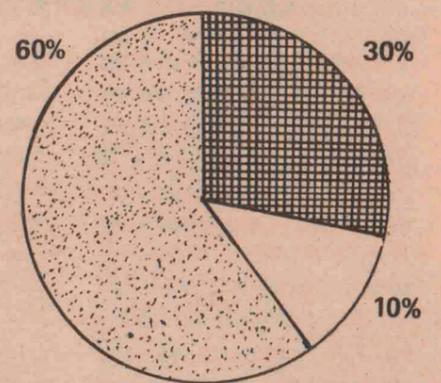
O crescimento da produção é mais resultado de aumento de área do que dos rendimentos alcançados

ção animal, principalmente nos países em desenvolvimento. Os outros 30 por cento são utilizados no consumo humano. Os países asiáticos utilizam praticamente todo o milho na alimentação humana.

O consumo do milho por pessoa é muito baixo nos países em desenvolvimento. A média de 20 quilos de milho por pessoa/ano é muito menor que a média do consumo de 45 quilos de trigo por pessoa/ano e dos 85 quilos de arroz por pessoa/ano. Dentro deste nível de consumo, o milho colabora com apenas oito por cento de calorias para o organismo humano. O México é o país do mundo onde mais se consome milho, cerca de 100 quilos por pessoa/ano. O organismo do povo mexicano recebe cerca de 40 por cento das calorias através do consumo do milho. O milho também é a base da alimentação de países como a Guatemala e outros.

Nos Estados Unidos o consumo do milho chega a 480 quilos por pessoa/ano, sendo que destes, 430 quilos são destinados ao consumo indireto, através de subprodutos (aves, suínos) ou produtos in-

PRODUÇÃO MUNDIAL



-  PAÍSES DESENVOLVIDOS (Canadá, EUA, Europa Ocidental)
-  PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO (Brasil, Argentina, México, etc)
-  PAÍSES SOCIALISTAS (Europa Oriental, Rússia)

dustrializados. No sul do Brasil e da Argentina, a média de consumo chega a 150 quilos por pessoa/ano. Destes, 100 quilos são destinados a alimentação animal e transformado em carne, ovos, leite. Na maioria dos países da América Central, o consumo de milho ainda é menor e anda por volta de 20 quilos por pessoa/ano.

Maior atenção à lavoura

O milho é uma cultura como qualquer outra e responde muito bem a uma boa adubação, que hoje somada aos outros insumos modernos, é responsável pelo segundo maior peso no custo de produção, só ultrapassado pelos custos financeiros (veja na última página). Toda a adubação deve ser feita de acordo com os resultados de análise do solo, que é quem vai dizer que nutrientes serão necessários e em que quantidades devem ser aplicados.

De um modo geral, os produtores da região têm preferido utilizar uma fórmula tradicional de adubo, a 10-20-10, sem fazer nenhuma adubação de cobertura. Segundo o agrônomo Rivaldo Dhein, coordenador da área de Solos da Cotrijuí, considerando a média dos resultados de análises do ano de 1982, a fórmula mais indicada para a região seria 6-28-20, aplicada na base de 200 a 250 quilos por hectare. Esta adubação necessitaria ainda de uma complementação, com uma ou duas aplicações de uréia em cobertura.

De acordo com o Rivaldo a substituição da fórmula 10-20-10 pela fórmula 6-28-20, se justifica pelo simples fato de que esta última apresenta maior quantidade de fósforo (28 contra 20 da primeira fórmula) e o dobro de potássio (20 contra 10). O potássio é um nutriente muito importante e que normalmente recebe menor atenção por parte do produtor, como conta o Rivaldo:

— Temos notado que o solo está empobrecendo cada vez mais em potássio, enquanto que o fósforo só tem aumentado. O potássio é o nutriente que confere maior resistência à planta.

Ao utilizar a fórmula de adubo 6-28-20, o produtor estará aplicando apenas seis quilos de nitrogênio para cada 100 quilos de adubo, "o que pode ser suficiente para o pique inicial da planta, mas não o bastante para o seu ciclo completo. O produtor deverá fazer uma suplementação de nitrogênio através da uréia em cobertura, quando a planta atingir 40 a 50 centímetros de altura. Melhor resultado poderá obter ainda se dividir essa cobertura em duas ou três aplicações. Esse fracionamento do nitrogênio, segundo o agrônomo, serve para evitar o que ocorreu em muitas lavouras da região na safra passada. A uréia foi aplicada de uma só vez e, como deu um ano chuvoso, foi levada pelas águas antes que apresentasse algum resultado. Diz o Rivaldo:

— Aconteceu que o produtor ao usar a fórmula 10-20-10, aplicou quase o dobro de nitrogênio no plantio (na base de 10 quilos de nitrogênio para 100 de adubo) e não fez a cobertura com a uréia. O nitrogênio inicial foi levado pela chuva muito antes de ser todo aproveitado pela planta. Logo, quem não aplicou uréia, não colheu o esperado.

ADUBAÇÃO DEFICIENTE

Normalmente os produtores não costumam dedicar muita atenção à lavoura de milho. A adubação é deficiente "e as fórmulas tradicionalmente usadas apresentam baixos teores de potássio".

Para uma produção média de, quatro mil quilos por hectare, a lavoura de milho necessitaria de 50 quilos de potássio por hectare e mais 60 quilos de uréia. Para uma produção de quatro a seis mil quilos por hectare, serão necessários 70 quilos de potássio por hectare e uma cobertura de uréia em torno de 100 quilos por hectare. O Rivaldo compara os benefícios das duas fórmulas de adubo:

— Se o produtor aplicar 200 quilos por hectare da fórmula 10-20-10, estará aplicando apenas 20 quilos de potássio por hectare. Se usar 200 quilos por hectare da fórmula 6-28-20, estará aplicando 40 quilos de potássio por hectare, o que ainda é pouco.

Isto vem demonstrar, segundo o agrônomo, que também para o milho, a exemplo do que ocorre com a soja, as fórmulas para adubação não são equilibradas, e sequer ficam de acordo com as exigências das análises de solo da região. Como a soja é uma planta mais rústica, ela não se ressentir tanto quanto o milho, que é bem mais exigente.

Das fórmulas à disposição do



A boa adubação corresponde

produtor no mercado, segundo o Rivaldo, nenhuma é perfeitamente equilibrada para o cultivo do milho. Uma fórmula melhor para a região, em termos médio, deveria ficar na base de 6-26-35, bem mais rica em potássio. A existência de fórmulas deficientes, e pouco balanceadas para a nossa situação, pode ser explicada pelo simples fato de que anteriormente os solos da região eram muito ricos em potássio. Hoje estão bem mais pobres e continuamos usando as mesmas fórmulas".

As condições ideais

Ao pensar na formação da lavoura de milho o produtor já deverá ter se decidido pelo tipo de preparo a ser empregado. Ele pode optar pelo método convencional, pelo preparo mínimo ou zero (que é o plantio direto). Na verdade, para se decidir por qualquer um destes métodos, ele deve considerar alguns fatores, como topografia do solo (plano ou acidentado), intensidade de chuvas, drenagem do solo, presença de invasoras e equipamentos disponíveis na propriedade.

O preparo ideal para a semeadura do milho, segundo o Francisco Tenório Falcão Pereira, agrônomo responsável pela área de sementes da Cotrijuí, deve proporcionar uma boa germinação e posterior desenvolvimento das plantas; controlar os inços, preservar ou procurar melhorar as condições de cultivo e ainda permitir a penetração de tanta água quanto a planta exigir durante todo o ciclo.

Uma boa germinação vai depender do contato das sementes com o solo, que deve estar suficientemente úmido, quente, e com "muito ar circulando". "O excesso de preparo", diz o Francisco, "é desnecessário, e ainda por cima aumenta o escoamento da água das chuvas, provocando erosão no solo".

Como o milho é uma planta bastante exigente em umidade, e muito pouco resistente às secas, não é aconselhável revirar demais a terra. Segundo o Francisco, seria muito bom se o produtor não queimasse a palha da cultura anterior, pois a resteva vai ajudar a proteger o solo da chuva e da erosão. Outra vanta-

gem é que a resteva ajuda a conservar a umidade do solo, atuando ainda no melhoramento da estrutura do solo.

QUANDO SEMEAR

A Região Pioneira (abrangendo os municípios de Jóia, Augusto Pestana, Ijuí, Ajuricaba, Chiapetta, Santo Augusto, Coronel Bicaco e Tenente Portela) a partir dos critérios do zoneamento climático do Rio Grande do Sul (ver no mapa a região de número I), é considerada como região preferencial para o cultivo do milho. A época recomendada para o plantio nesta região, vai de 15 de agosto a 15 de novembro para as variedades precoces, e 1º de setembro a 15 de novembro para as tardias. A época preferencial é, respectivamente, de 19 de setembro a 15 de outubro, e 1º de setembro a 30 de outubro.

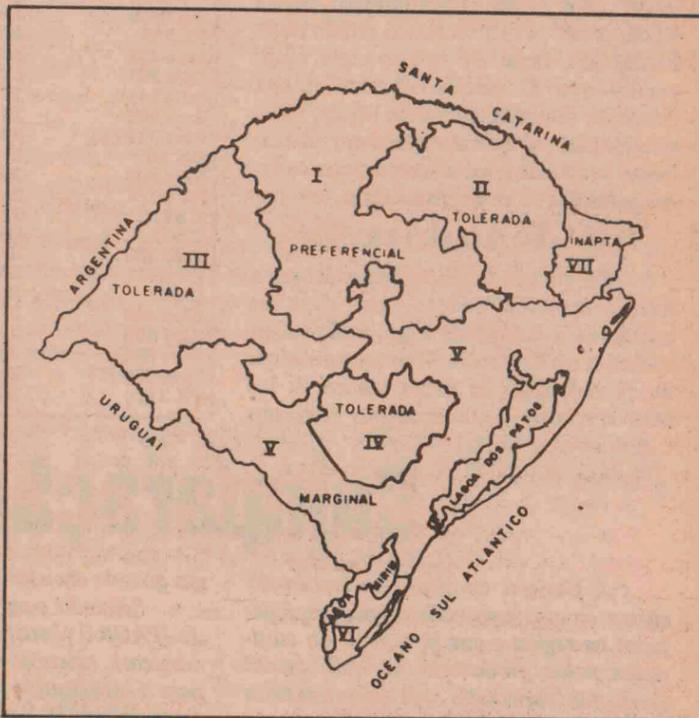
A época de semeadura tem grande influência no rendimento da lavoura. As variedades sempre precisam ficar ajustadas às épocas de plantio. Se, por exemplo, atrasar o plantio de uma variedade precoce, seu rendimento não será o mesmo no final da colheita. Segundo o Francisco, a melhor época de semeadura deve ser aquela que possibilite uma germinação normal, e principalmente que seja capaz de evitar que o período de floração coincida com períodos de estiagem ou seca. É justamente na fase de floração que a planta exige maior quantidade de água e luz. "Não é nenhuma novidade que, tirando de lado a falta de atenção dispensada à lavoura de milho durante o seu preparo, a falta de água tem sido um fator li-

mitante para a obtenção de melhores resultados", ele afirma.

Como o milho necessita em média de 500 milímetros de água durante todo o seu ciclo de desenvolvimento, o Francisco recomenda a semeadura mais no cedo, "para que quando comece o período de estiagem, que normalmente ocorre pelos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, a planta já tenha ultrapassado o estágio mais crítico". As cultivares precoces segundo o agrônomo são bastante utilizadas na região, por apresentarem um período entre a semeadura e o florescimento bem mais curto que as cultivares tardias. Mas o agrônomo deixa claro que o melhor é o produtor semear dentro das épocas recomendadas para a sua região e diversificar as sementes híbridas, plantando tardias e precoces, para ter uma maior segurança.

DENSIDADE DE PLANTIO

O milho pode ser plantado em linhas ou em covas. No primeiro caso, a recomendação técnica manda colocar de 5 a 7 grãos por metro linear. As distâncias entre uma linha e outra, variam entre 80 centímetros a um metro. Quando consorciado com soja ou feijão, o espaçamento deve ser maior. O plantio em covas é feito com saraquá, colocando-se de duas a três sementes dentro da cova, seguindo uma distância de 40 centímetros entre covas. Outra recomendação do Francisco é a de fazer a semeadura quando a temperatura mínima do solo (a uma profundidade de cinco centímetros) for superior a 16 graus centígrados.



Zoneamento agroclimático para o milho no Rio Grande do Sul

O plantio da semente deve ser feito de tal maneira que a lavoura tenha de 45 a 50 mil pés de plantas por hectare. "Uma lavoura com 50 mil pés na época da colheita é o ideal", recomenda o Francisco que, ao mesmo tempo, lembra que baixas populações de milho por hectare têm sido responsáveis por pouca produção.

O tamanho da semente também tem influência na condução da planta. Tanto as sementes grandes, mais graúdas, como as pequenas, apresentam o mesmo potencial de produção. Em condições adversas, entretanto (como falta ou até excesso de água) as sementes muito miúdas não apresentam as mesmas condições de sobrevivência que as maiores.

PLANTAS INVASORAS

As plantas invasoras competem com o milho em água, luz e nutrientes, principalmente no período inicial de desenvolvimento da planta, isto até 40 dias após o plantio. "As lavouras bem conduzidas, com um bom número de plantas, normalmente neutralizam o desenvolvimento dos inços quando passa a fase crítica", lembra o Francisco.

Em todo o caso, para eliminar os inços da lavoura, o produtor pode utilizar herbicidas ou capina. Os herbicidas devem ser aplicados de acordo com a espécie invasora, e a dosagem deve levar em conta o tipo de solo, a intensidade da infestação e a época de aplicação. Se optar pela capina, o produtor, além de eliminar os inços, pode aproveitar a oportunidade e fazer um "recheio" de terra junto ao pé da planta.

ATENÇÃO ESPECIAL AO MILHO

O crescimento da suinocultura na região e a intensificação dos programas de diversificação, integrando lavoura/pecuária, levaram o Departamento Agrotécnico da Cotrijuí a dispensar uma atenção mais direcionada para o cultivo do milho, procurando não apenas fomentar a cultura entre seus associados, como também entrar mais a fundo na pesquisa, procurando melhores variedades para a região. Os experimentos que vêm sendo realizados no Centro de Treinamento da Cotrijuí, em Augusto Pestana, segundo o agrônomo Luiz Volney de Mattos Viau, visam basicamente testar cultivares obtidas pelos programas de melhoramentos de milho das instituições que estão criando novas variedades.

Integrante da rede de experimentação estadual do milho, a Cotrijuí, através do CTC, vem realizando experimentos para avaliação de cultivares de ciclo precoce e tardio. De acordo com a tabela A, é possível observar o comportamento produtivo dos principais híbridos precoces avaliados em 1982. O melhor destaque ficou para o AG-82, que apresentou no final do ciclo 6.642 quilos por hectare. Em segundo lugar apareceu o AG-64 A, com 6.316 quilos por hectare. O SAVE 342, é um milho com boas características. Numa média geral, em 15 locais do estado onde foi testado, ficou em quinto lugar, comparado com 21 outros híbridos. Destas cultivares testadas em vários locais, serão selecionadas as que apresentarem os melhores resultados, para serem recomendadas para plantio pelos produtores.

TESTANDO O MILHO BRANCO

Em função da expectativa de que a farinha de milho branco possa vir a ser misturada à farinha de trigo, estão sendo avaliadas no Centro de Treinamento cerca de 31 variedades de milho branco. A Tabela B mostra o experimento realizado

com variedades de milho subtropicais brancos de ciclo precoce. Serviram de testemunha (T) ou de comparação, os híbridos AG-28, X-6874 e SAVE 342. Neste experimento, como mostra a tabela, as testemunhas foram as que obtiveram os melhores resultados: Ag-28, com 7.333 quilos por hectare e X-6874 com 6.831 quilos por hectare. A cultivar SAVE 342, só foi ultrapassada em rendimento pelo milho branco ACROSS 7844 RE, com 6.204 quilos por hectare.

Na Tabela C, vamos encontrar os resultados obtidos com variedades tropicais brancos de ciclo longo, que foram comparadas com os híbridos AG-28. X-

TABELA A: Altura da planta (cm) e rendimento de grãos (kg/ha, com 13% de umidade) de milhos híbridos precoces. Centro de Treinamento Cotrijuí. 1983

Tratamento	Altura planta (cm)	Rendimento grãos kg/ha
AG 82	268	6642
AG 64 A	274	6316
AG 32	268	5703
DK 540	283	5550
PX 6836	282	5475
AG 64	262	5401
Save 416	260	5331
XL 560	264	5318
PX 6872	274	5061
PX 6874	272	4980
AG 64 B	276	4910
PX 515	267	4902
Save 412	269	4878
Save 391	274	4863
C 511 A	267	4847
Save 405	281	4732
Save 342 (T)	304	4637
DK 550	276	4628
Save 406	268	4491
PX 6877	261	4462
C 511	267	4377
C 501	258	4277
Save 389	259	4147
PX 6875	267	4135
C 601	254	4126
Save 413	276	3990
Save 408	274	3978
Save 394	257	3955
Save 380 (T)	251	3846
PX 313	264	3843

6874 e SAVE 342. Observa-se que, neste experimento, um dos híbridos usados como testemunha, o AG-28, ficou em quarto lugar em termos de rendimento, apresentando 7.443 quilos por hectare. A variedade de milho branco, Chuquisaca 7822, foi a que obteve maior rendimento, 7.753 quilos por hectare. As demais "testemunhas", X-6874 e SAVE 342, apresentaram resultados bem mais baixos.

MISTURANDO FARINHA

O Volney justifica a intensificação em torno de pesquisas com cultivares de milho branco, dizendo que é possível adicionar até 30 por cento de farinha de milho branco à farinha de trigo, para a fabricação de bolos e bolachas. Um trabalho desenvolvido pelo Centro de Tecnologia Agrícola e Alimentar (Embrapa), demonstra que é possível adicionar de 10 a 30 por cento de fubá de milho à farinha de trigo, sem que haja qualquer prejuízo ou alteração na qualidade dos pães, "e muito menos implique em algum investi-

TABELA B: Altura da planta (cm), acamamento (%) e rendimento de grãos (kg/ha com 13% de umidade) de milhos brancos subtropicais precoces. Centro de Treinamento da Cotrijuí. 1983

Tratamento	Altura planta (cm)	Acamamento (%)	Rend. grãos kg/ha
AG 28 (T)	272	21	7333
X - 6874 (T)	237	35	6831
Across 7844 RE	236	10	6204
Save 342 (T)	238	24	6171
Gemeiza (1) 8047	216	6	5864
Tlaltizapan 8047	215	4	5407
Tlaltizapan 7934	206	4	5307
Across 8047	210	4	5173
Across 7934	217	6	5137
Sete Lagoas 7934	237	8	5007
Across 7734 RE	232	13	4944
Swat (1) 8047	204	1	4937
Swat 8047	193	4	4611
Kaniama	215	4	4307
Gemeiza 8047	196	3	3800
Awassa (1) 8047	216	1	3637

mento por parte das padarias".

Esse processo de misturar farinha de milho à farinha de trigo vai exigir algumas mudanças no que diz respeito à legislação brasileira que regula o uso de outras farinhas em mistura à farinha de trigo. Sabemos que atualmente é permitido a mistura de até 3% de farinha de mandioca na farinha de trigo". Segundo o Volney, a partir do momento em que for permitido a mistura das duas farinhas, o Brasil terá uma economia de divisas na importação de trigo. Outro entrave para a realização da mistura era o subsídio ao trigo, "que tornava economicamente inviável a tal mistura". Mas agora que se fala na queda do subsídio, mais um espaço se abre, para que a farinha de milho também seja misturada à de trigo".

TABELA C: Altura da planta (cm), acamamento (%) e rendimento de grãos (kg/ha, com 13% de umidade) de milhos brancos tardios. Centro de Treinamento Cotrijuí. 1983

Tratamento	Altura planta (cm)	Acamamento (%)	Rend. grãos kg/ha
Chuquisaca (1) 7822	272	15	7753
Ferke (1) 8022	279	15	7543
Los Diamantes (1) 8043	299	19	7537
AG 28 (T)	296	39	7443
Across 8022	266	16	7403
Cotaxtia 8043	303	36	7390
Sta. Rosa 8022	286	9	7387
La Maquina 8022	275	17	7363
Poza Rica 8022	273	17	7310
Across 8043	301	23	7207
Across 7921	253	30	7133
San Andres 8043	284	37	7120
Guaymas (1) 8022	269	19	7087
Los Diamantes (1) 7921	277	15	6903
Across 7622 RE	273	32	6723
Across 7720 RE	262	20	6700
El Paraiso 7929	264	32	6647
Across 7929	263	13	6570
X-6874 (T)	265	43	6427
Across 7925	267	21	5820
Save 342 (T)	280	37	5183

Comparação dos híbridos e crioulos

A Cotrijuí também vem realizando alguns ensaios com milhos crioulos, coletados na região e que já vêm sendo cultivados pelos produtores há mais de 70 anos. São variedades que os produtores não deixam de cultivar, mesmo que façam suas lavouras com híbridos, porque encontram vantagens no seu cultivo. Este material, coletado na região, está sendo avaliado para se conhecer com mais detalhes as suas características agrônomicas. Os produtores que têm esta experiência, garantem que os "crioulos" são mais rústicos, e menos sensíveis ao ataque de pra-

gas quando armazenados.

Segundo o agrônomo Altomir Pons, do IPAGRO (Instituto de Pesquisas Agronômicas) existe uma explicação técnica para a justificativa levantada pelos produtores de que os "crioulos" são mais resistentes às pragas quando armazenados. Segundo o Pons, no Rio Grande do Sul, as variedades tradicionais de milho apresentam espigas com comprimentos de brácteas - ou seja, a palha - bem maior que o sabugo, fechando completamente a espiga. "Esta é uma forma de resistência mecânica à penetração das pragas, microor-

ganismos e água. Com a introdução de genótipos (geralmente híbridos) provenientes de países de clima temperado - onde, devido a curta estação de crescimento, as brácteas curtas representam vantagens por permitirem uma secagem mais rápida dos grãos e, em consequência, colheita mais cedo - verificou-se, juntamente com a maior produtividade desses materiais, também maiores perdas, especialmente nos países, devidos a insetos".

AS COMPARAÇÕES

Estão sendo testadas no CTC em

torno de 70 populações de milho crioulo, e também comparadas com dois híbridos: AG-64 e AG-28. O AG-64, segundo explicou o Luiz Volney de Mattos Viau, gerente do CTC, produziu em média 7.093 quilos por hectare e o AG-28, 6.875 quilos por hectare. Enquanto isso, o rendimento de milhos crioulos foi de 1.275 quilos por hectare (para o de menor produção) até 4.461 quilos por hectare para o de melhor rendimento.

A tabela mostra as variedades crioulas que apresentaram melhores rendimentos durante os ensaios. No ano passado o melhor milho crioulo produziu em torno de 65 por cento em relação aos híbridos. Já na última safra, ele produziu em torno de 63 por cento em relação ao AG-64 e 65 por cento em relação ao AG-28. "Nas condições em que têm sido avaliados, os híbridos têm apresentado maior rendimento", diz o Volney.

Segundo o Volney, se for feito um trabalho de seleção em cima destas variedades, quem sabe até se consegue "incorporar algumas características agrônomicas desejáveis. Se estão produzindo em torno de 65 por cento em relação aos híbridos, quem sabe com um trabalho bem feito, poderemos até obter melhores rendimentos".

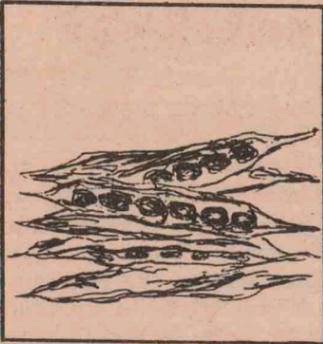
TABELA: Características e rendimento de grãos (Kg/ha, à 13% de umidade), variedades de milhos crioulos. Centro de Treinamento Cotrijuí. 1983

Nº	TRATAMENTO	ORIGEM	LOCALIDADE	UNIDADE	TÉCNICO COLETOR	ALTURA (cm)	ACAMAM. (%)	REND. GRÃO Kg/ha
01	AG - 64 (T)	Agrocereas	-	-	-	199	16,6	7.093
02	AG - 28 (T)	Agrocereas	-	-	-	211	7,9	6.875
03	Cabo Roxo	Ernesto Baraldi	S. Valentim	Sto. Augusto	Andrighetto	213	26,5	4.461
04	Ferro	Maximiliano Polo	-	Sto. Augusto	Andrighetto	219	11,4	4.249
05	Caiano Amarelo	Helmuth Guth	L. 9 Leste	Ijuí	Arnoldo	219	46,7	4.174
06	Dente de Cão	Batiste Cluise	Esq. Cluise	Sto. Augusto	Andrighetto	216	32,6	3.942
07	Caiano Branco	Adão Kasmarek	Pov. Santana	Ijuí	Barbieri	225	28,2	3.941
08	Caiano Amarelo	Getúlio Reihlen	Cel. Barros	Ijuí	Pittol	227	13,1	3.925
09	Dente de Ouro	Fecotrigo	-	Cruz Alta	-	220	25,8	3.850
10	Astex X Caiano Amar.	-	-	Cel. Bicaco	Dalabrida	226	16,7	3.815
11	Rajado	Otaclio Motta	-	Ten. Portela	Valmor	212	25,7	3.810
12	Paulistinha	Ernesto Zanoso	São Jacó	Sto. Augusto	Andrighetto	227	5,3	3.694
13	PI - 29	Fecotrigo	-	Cruz Alta	-	176	3,0	3.640

A LAVOURA NO MÊS

QUADRO DE ÉPOCAS DE SEMEADURA/VARIEDADES/ÁREA

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Repolho			12 m2 Coração de Boi e Matzukase				12 m2 Matzukase, Chumbinho				12 m2 Matzukase, Chumbinho	
Couve			12 m2 Manteiga				12 m2 Manteiga					
Rabanete	4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho	
Rúcula	6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada		
Cenoura			18 m2 Nantes						18 m2 Kuroda			
Alface	12 m2 Kagraner e Maravilha verão		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Kagraner e Maravilha verão		12 m2 Kagraner e Maravilha verão	
Beterraba			18 m2 Tall Top						18 m2 Tall Top			
Tomate	50 plantas Yokota							50 plantas Kada, P. Gig.				
Pepino	50 plantas Wisconsin							50 plantas Wisconsin				
Cebola			2.000 plantas Baia Periforme	2.000 plantas Baia Periforme								



LENTILHA

As sementes disponíveis na Cooperativa foram todas destinadas a Unidade de Jóia para a produção de semente para o próximo ano. As linhagens que melhor produção tiveram no CTC - Centro de Treinamento da Cotrijuí - também já foram plantadas para nova observação e confirmação dos resultados do ano anterior ou reificação das conclusões então obtidas. Todos os associados que eventualmente cultivaram sementes próprias, podem entrar em contato nas Unidades da cooperativa, pois há interesse em acompanhar estas lavouras e receber o produto quando da sua colheita.

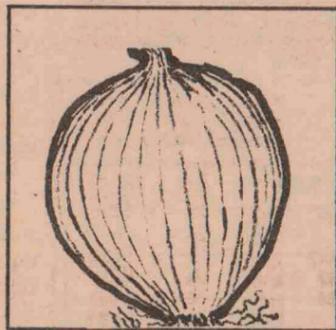


ALHO

A sementeira do alho finalmente está concluída, tendo ocorrido ainda em tempo adequado ao bom desenvolvimento das plantas. O período agora é favorável ao crescimento dos inços de inverno, que devem ser controlados, pois sua concorrência com as plantas diminui a produtividade. As capinas normalmente resolvem esta situação, a não ser em casos de alta infestação de inços, que então devem ser controlados com o uso de herbicidas, de acordo com recomendação técnica.

Na fase inicial de crescimento das plantas pode haver pouco vigor, o qual pode ser corrigido com a aplicação de uréia em cobertura. Se a lavoura apresentar manchas, com plantas fracas ou folhas amareladas, é recomendado que sejam levadas amostras dessas plantas à cooperativa, para que sejam examinadas e, posteriormente, feita a correta recomendação de tratamento.

A recomendação acima é especialmente válida para os produtores que usaram sementes próprias, que não foram analisadas e que poderão estar contaminadas por pragas e doenças.



CEBOLA

A continuidade do tempo chuvoso, tem sido muito ne-

gativo para o desenvolvimento das mudas de cebola. Algumas lavouras já transplantadas também não têm tido um bom desenvolvimento das plantas, pela mesma razão da falta de insolação que impede a realização da fotossíntese e conseqüente crescimento das plantas.

Lembramos ainda que o bom preparo do solo e o uso de matéria orgânica (esterco) são práticas que melhoram a possibilidade produtiva da lavoura. O controle dos inços da lavoura

é também essencial no período inicial, para evitar a concorrência pela luz e pelos nutrientes dos adubos. Assim como no alho, se ocorrerem manchas de plantas com problemas na lavoura, devem ser coletadas amostras para exame detalhado na cooperativa.

HORTALIÇAS DIVERSAS

O mês de julho é oportuno para a sementeira de repolho, couve, rabanete, rúcula e alface, para quem quiser observar o quadro de produção que

sempre apresentamos neste espaço. Este é o último período para cultivo das variedades mais convencionais. Do próximo mês em diante, as variedades já deverão apresentar características de adaptação a temperaturas mais elevadas. Lembramos que a partir de agora é importante que não se abandone a horta caseira, pois existem variedades e sistemas de produção que garantem a continuidade de colheitas para o consumo familiar.

Contra Oídios e Ferrugens do trigo, SaproI BR é a única solução líquida e certa.

- SaproI BR é um moderno fungicida sistêmico, preventivo e curativo.
- SaproI BR é líquido, mais fácil de aplicar.
- Recomendado pelas Comissões Norte e Sul Brasileira de Pesquisa de Trigo.
- Dispensa o uso de espalhante adesivo.



SaproI BR

CELAMERCK

* SaproI é marca registrada da Celamerck GmbH & Co. KG - Ingelheim am Rhein - República Federal da Alemanha. Registrado na Divisão de Defesa Sanitária Vegetal sob o nº 030078 - Registrante: Boehringer & Cia. Ltda.

Com a segurança **Hoechst**

OS CUSTOS DISPARARAM

Para formar as lavouras de verão o produtor irá gastar quase 180 por cento a mais do que na safra passada



O produtor precisará ganhar em maio do ano que vem Cr\$ 14.407,00 pelo saco de soja se quiser garantir a lucratividade da lavoura da próxima safra de verão. O milho precisará valer Cr\$ 8.092,00, e o feijão Cr\$ 44.265,00 o saco, para que o agricultor consiga cobrir seu custo de produção e ainda assegurar a lucratividade de 30 por cento estabelecida no Estatuto da Terra. Estes cálculos são da Diretoria Agrotécnica da Cotrijuí, e fazem parte de um trabalho que levantou os custos de produção das lavouras de verão e os VBCs (Valores Básicos de Custeio) que serão necessários na próxima safra.

O custo de produção por hectare, com base em dados do mês de junho deste ano, alcança o valor de Cr\$ 242.446,00 para a soja; Cr\$ 249.294,00 para o milho, e Cr\$ 401.242,00 para o feijão. No caso da soja, isto representa um acréscimo de 179,7 por cento em relação ao custo levantado na mesma época do ano passado (que era de Cr\$ 86.664,63). No milho, o aumento do custo é de 174,9 por cento, e no feijão chega a 178,21 por cento. Na média das três culturas, o aumento no custo de produção é de 178,21 por cento. Quando projetados para o período de formação da lavoura, es-

tes custos já alcançam os valores de Cr\$ 330.627,00 por hectare de soja; Cr\$ 339.248,00 para o milho, e Cr\$ 546.785,00 para o feijão.

O MAIOR CUSTO: DINHEIRO

O maior peso na composição deste custo recai sobre o item despesas financeiras, que representa 37,5 por cento na lavoura de soja, 37,45 na de milho e 39,73 na de feijão. Na soja, a segunda maior participação é de insumos modernos (fertilizantes, calcário, sementes e defensivos), com 22,46 por cento, seguida de despesas com máquinas e implementos (depreciação, peças e reparos, combustível, lubrificantes e filtros), com 22,16 por cento. No milho a ordem é a mesma: 21,54 com insumos modernos, e 21,28 com máquinas e implementos. O caso do feijão é um pouco diferente, e o segundo item de peso no custo da lavoura é o da mão-de-obra, que representa 21,47 por cento do custo total, seguido dos insumos modernos, com 18,89 por cento, como mostra a tabela 1.

O aumento na taxa de juros, segundo o Luis Juliani, que elaborou o estudo, é o responsável por esta composição dos custos. Na safra passada, as despesas financeiras tinham uma participação de 23,04 por cento no custo da lavoura de soja, sendo ainda superadas pelos gastos com insumos modernos, que representavam 30,53 por cento.

VBC PRECISA CRESCER 223%

Para poder formar estas lavouras, será preciso um Valor Básico de Custeio de Cr\$ 152.289,00 por hectare na época de implantação da soja; Cr\$ 151.085,00 do milho, e Cr\$ 262.498,00 do feijão. Em comparação com os VBCs liberados pelo Governo na safra passada, isto representa 223 por cento a mais no caso da soja (que teve VBC de Cr\$ 47.100,00 para a faixa de produtividade de 1.751 a 2.000 quilos por hectare); de 235,7 para o milho (o VBC foi de Cr\$ 45.000,00 na faixa considerada, de 3.001 a 3.500 quilos por hectare), e de 429,2 por cento no feijão (o VBC passado foi de Cr\$ 45.000,00 na faixa de 801 a 1.000 quilos por hectare).

A tabela 2 mostra a composição dos VBCs determinada no estudo realizado em junho, e mais a projeção dos valores necessários na época de formação das lavouras. Esta correção foi baseada em estimativas de aumento de custo, seguindo as tendências registradas nos últimos tempos. O maior aumento esperado é para as máquinas e implementos, exatamente os componentes que mais têm aumentado de preço. Na média, a correção atinge oito por cento ao mês.

Todo este estudo foi baseado numa propriedade com área de 50 hectares, considerada como representativa, na região, para a exploração destas culturas. Da área total, 35 hectares seriam destinados à soja, 10 para o milho e 1,5 para o feijão, além de espaços ocupados por pequenas culturas de subsistência familiar. Os coeficientes técnicos (como tempo gasto nas operações agrícolas) foram baseados em trabalhos elaborados no Centro de Treinamento Cotrijuí, e os preços de máquinas, implementos e insumos foram levantados à nível da praça de Ijuí e do setor de Consumo da Cooperativa. Na determinação dos preços necessários (tabela 3), foi considerada a produtividade de 30 sacos de soja por hectare, 55 sacos de milho e 16,6 sacos de feijão.

TABELA 1 - CUSTO DE PRODUÇÃO DAS LAVOURAS DE VERÃO (base junho/83)

RUBRICAS	SOJA		MILHO		FEIJÃO	
	Cr\$/ha	%	Cr\$/ha	%	Cr\$/ha	%
Construções	5.619,00	2,32	5.617,00	2,26	5.645,00	1,41
Benfeitorias	846,00	0,35	846,00	0,34	845,00	0,21
Máquinas e implementos	53.737,00	22,16	53.044,00	21,28	56.739,00	14,13
Mão-de-obra	22.334,00	9,21	22.688,00	9,10	86.170,00	21,47
Locação de terraços	120,00	0,05	120,00	0,05	120,00	0,03
Imposto Territorial Rural	700,00	0,29	700,00	0,28	700,00	0,18
Insumos modernos	54.480,00	22,46	53.704,00	21,54	75.764,00	18,89
Transporte contratado	5.263,00	2,17	9.036,00	3,63	3.238,00	0,81
Despesas financeiras	90.925,00	37,50	93.350,00	37,45	159.419,00	39,73
Funrural	4.125,00	1,71	5.775,00	2,32	6.420,00	1,60
Seguro	4.297,00	1,78	4.364,00	1,75	6.182,00	1,54
TOTAL	242.446,00	100	249.244,00	100	401.242,00	100

TABELA 2 - VBCs NECESSÁRIOS

RUBRICAS	Cr\$/ha - BASE JUNHO			Cr\$/ha - época de formação		
	SOJA	MILHO	FEIJÃO	SOJA	MILHO	FEIJÃO
Sementes	16.000,00	5.400,00	25.600,00	21.600,00	7.290,00	34.560,00
Fertilizantes	24.400,00	34.400,00	25.200,00	32.940,00	46.440,00	34.020,00
Defensivos	10.007,00	9.575,00	11.951,00	15.611,00	14.937,00	18.644,00
Trabalhos culturais	39.004,00	39.200,00	42.173,00	55.208,00	55.488,00	59.076,00
Colheita	18.689,00	18.689,00	82.443,00	26.930,00	26.930,00	116.198,00
TOTAL	108.100,00	107.264,00	187.367,00	152.289,00	151.085,00	262.498,00

TABELA 3 - PREÇO MÍNIMO NECESSÁRIO/SACO DE 60 kg

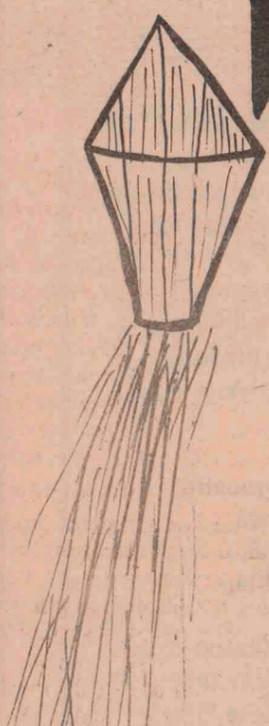
RUBRICA	SOJA		MILHO		FEIJÃO	
	JUNHO/83	MAIO/84	JUNHO/83	MAIO/84	JUNHO/83	MAIO/84
Custo/ha (+)	242.446,00	330.627,00	249.294,00	339.248,00	401.242,00	546.785,00
Funrural (-)	4.125,00	4.125,00	5.775,00	5.775,00	6.420,00	6.420,00
Lucratividade 30% (+)	71.496,00	97.453,00	73.056,00	100.042,00	118.447,00	162.110,00
Funrural (+)	4.125,00	4.125,00	5.775,00	5.775,00	6.420,00	6.420,00
TOTAL	318.067,00	432.205,00	328.125,00	445.065,00	526.109,00	715.315,00
Produtividade (sc/ha)	30	30	55	55	16,66	16,66
Preço necessário (Cr\$)	10.602,00	14.407,00	5.966,00	8.092,00	32.556,00	44.265,00



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

ASSIM SURGIU A FESTA DE SÃO JOÃO



Todos nós festejamos São João, mas vocês sabem qual a origem desta festa? Por que acendemos fogueira? Por que soltamos fogos? Contarei uma historinha que li e gostei, porque eu também não sabia.

Dizem que Santa Isabel era muito amiga de Nossa Senhora e, por isso, costumavam visitar-se, assim como vocês visitam amiguinhos. Uma tarde, Santa Isabel foi à casa de Nossa Senhora e aproveitou para contar-lhe que, dentro de algum tempo, iria nascer seu filho, que se chamaria João Batista.

Nossa Senhora então perguntou-lhe:

— Como poderei saber do nascimento do garoto?

— Acenderei uma fogueira bem grande; assim você de longe poderá vê-la e saberá que Joãozinho nasceu.

Mandarei também erguer um mastro, com uma boneca sobre ela.

Santa Isabel cumpriu a promessa.

Um dia, Nossa Senhora viu, ao longe, uma fumacinha e depois umas chamas bem vermelhas. Dirigiu-se para a casa de Isabel e encontrou o menino João Batista, que mais tarde seria um dos santos mais importantes da religião católica. Isso se deu no dia 24 de junho.

Começou, assim, a ser festejado São João com mastro, fogueira e outras coisas bonitas como: foguetes, balões, etc...

E, por falar nisso, também gostaria de contar porque existem essas bombas para alegrar os festejos de São João.

Pois bem, antes de São João nascer, seu pai, São Zacarias, andava muito triste, porque não tinha um filhinho para brincar. Certa vez, apareceu-lhe um anjo de asas coloridas, todo iluminado por uma luz misteriosa, e anunciou que Zacarias ia ser pai. A sua alegria foi tão grande que Zacarias perdeu a voz, emudeceu até o filho nascer.

No dia do nascimento, mostraram-lhe o menino e perguntaram como desejava que se chamasse.

Zacarias fez grande esforço e, por fim, conseguiu dizer:

— "João"

Desse instante em diante, Zacarias voltou a falar.

Todos ficaram alegres e foi um barulhão enorme.

Eram vivas para todos os lados.

Lá estava o velho Zacarias, contente, olhando, orgulhoso, o filhinho lindo que tinha...

Foi então, que inventaram as bombinhas de fazer barulho, tão apreciadas pelas crianças durante os festejos juninos.

A partir desse dia, todos os anos, comemora-se São João.

Como acontece em todas as festas, não poderia faltar uma mesa farta, com pratos salgados, doces e guloseimas...

Corina Maria Peixoto Ruiz

Acontece que, no Brasil, não só São João, mas também as festas de São Pedro e Santo Antônio são realizadas ao ar livre, em terreiros, nos campos, usando-se muitos produtos agrícolas, como o milho, a canjica, a batata-doce, o aipim, o côco, etc. Muitas vezes, a própria fogueira é utilizada para assá-los. É comum também o melado, o cuscuz, a pamonha, a pipoca, o pé-de-moleque, etc.

Citaremos algumas das comidas e bebidas típicas, que sofreram, no decorrer dos tempos, grande influência da cozinha africana, trazida para o Brasil pelo escravos.



FESTA DE SÃO JOÃO COM

Desafio

I

Maricota do rabicho,
nunca vi cabelo assim.
Isso é trança ou é palha
muito seca de capim?

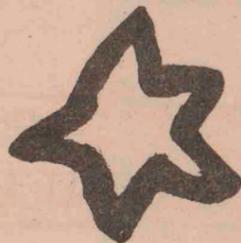
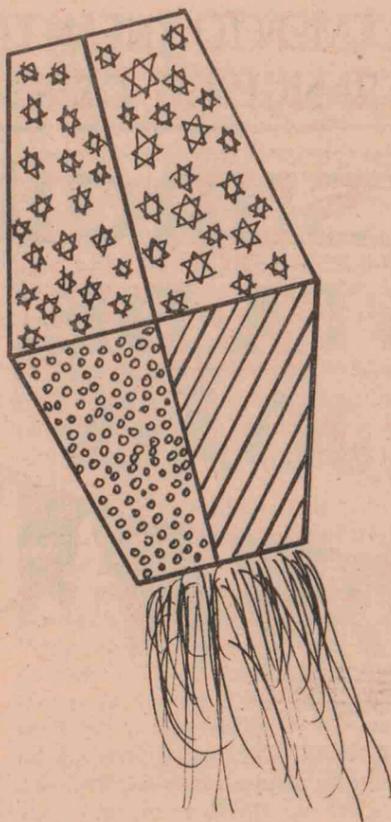
Zé Vicente falador,
eu não sei se é de fato
mais bonito o meu cabelo
ou se o seu pé de pato.

Ó mocinha, deixa disso.
Eu não sou tão falador.
O meu pé é muito grande
porque sou bom caçador.

Zé Vicente caçador,
onde está a valentia
quem fugiu de uma onça
lá no mato outro dia?

Pro meu pé não olhe, não.
Vem depressa ser meu par.
Ele é grande, mas garanto
que inda serve pra dançar.

Minha gente, até logo.
Vamos contentes brincar.
Sempre fomos bons amigos
não precisam duvidar.



II

Quando cresce de verdade,
Pra levar? Só caminhão. . .

Meninos
Meu limão, meu limoeiro
Meu pé de jacarandá
Uma vez tindo lê lê.

Mas só isso? Que vantagem,
Eu também tenho valor,
Peso pouco, mas coragem!
Pra aguentar o meu ardor.

Meninas
Cada um tem seu valor
Para que brigar, então?
Dê-me cá o seu abraço,
Apertemos nossa mão.

Meninos
A comadre Abobrinha
E o compadre "Seu Limão"
Vão fazer as suas pazes,
Como amigos, como irmãos.

Meninas
Vai abóbora, vai melão
Vai melão, vai melancia. . .
Vai jambo, sinhá, vai jambo sinhá,
Vai jambo, sinhá, bem doce. . .

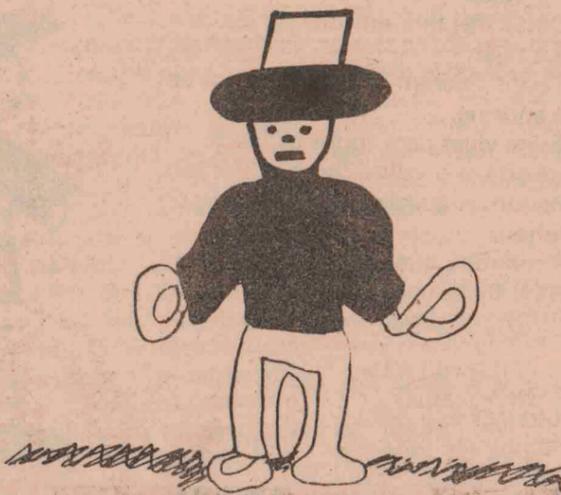
Casca doce que nem mel,
Sou abóbora vermelhinha,
Não me passo prá limão,
Que é fruta azedinha. . .

Meninos
Meu limão, meu limoeiro,
Meu pé de jacarandá
Uma vez tindo lê lê,
Outra vez tindo lá lá.

Azedinho é que não sou
Dona abóbora casca dura,
Para cortar a sua pele
Sá facão de rapadura.

Meninas
Vai abóbora, vai melão,
Vai melão, vai melancia. . .
Vai jambo, sinhá, vai jambo sinhá,
Vai jambo, sinhá, bem doce. . .

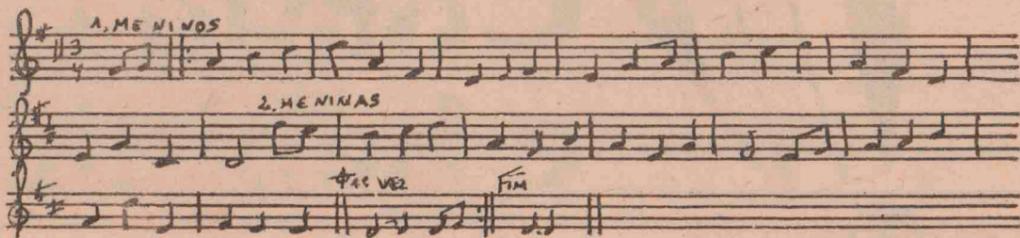
Casca dura pode ser
Mas também que tamanhão.



Música

Dança

Dança Caipira



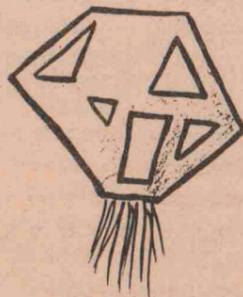
- | | | |
|---|--|--|
| 1. De chapéu na cabeça
E um lenço de cor,
Umas calças compridas
Na mão uma flor. | 1. Já estão todos na sala
E eu quero dançar,
Onde está a menina
Quem vai ser meu par. | 1 e 2. Tra, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá. |
| 2. De vestido de chita
Com saia balão,
Uma flor na cintura
Lencinho na mão. | 2. Uma flor igualzinha
Precisa encontrar
Pois é quem mostra
Com quem vai dançar | 1. Onde está a menina
Que vai ser meu par
2. Uma flor igualzinha
Precisa encontrar
1 e 2. Tra, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá. |

Sonho de papel



O balão vai subindo
Vai (vem) caindo a garoa
O céu é tão lindo
E a noite é tão boa
São João, São João
Acende a fogueira
No meu coração (bis)

Disco: Cantigas de Roda



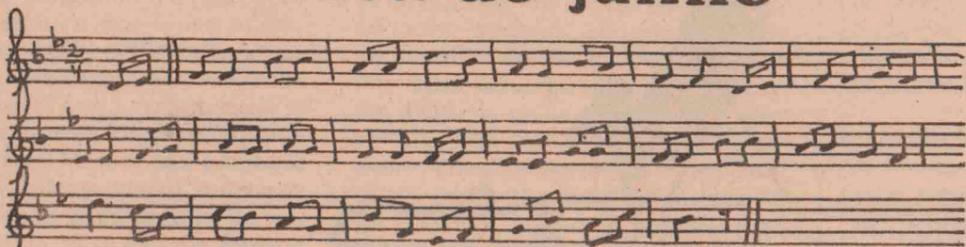
Mês de junho

Coro
Toda a gente está contente,
Toda a gente vai brincar
Mas ninguém seja imprudente
Pois senão vai se queimar!

Já chegou o mês de junho
Mês de muita animação
Mês do grande Santo Antônio
De São Pedro e São João!

Santo Antônio vem primeiro Como vamos saber? Com rodinhas, estrelinhas E foguetes a valer.	E depois com um carneirinho Que parece de algodão Vem chegando de mansinho Bem de leve São João!	Mas São Pedro muito sério Com a chave em sua mão fica olhando lá do alto Cá na terra não vem não!
---	---	--

Festa de junho



Mês de junho, mês de festas De fogueiras ao luar, No terreiro iluminado Toda a gente vai brincar.	Na cidade há barraquinhas Nas calçadas a brilhar, Onde toda a meninada Se reúne para brincar.
--	--

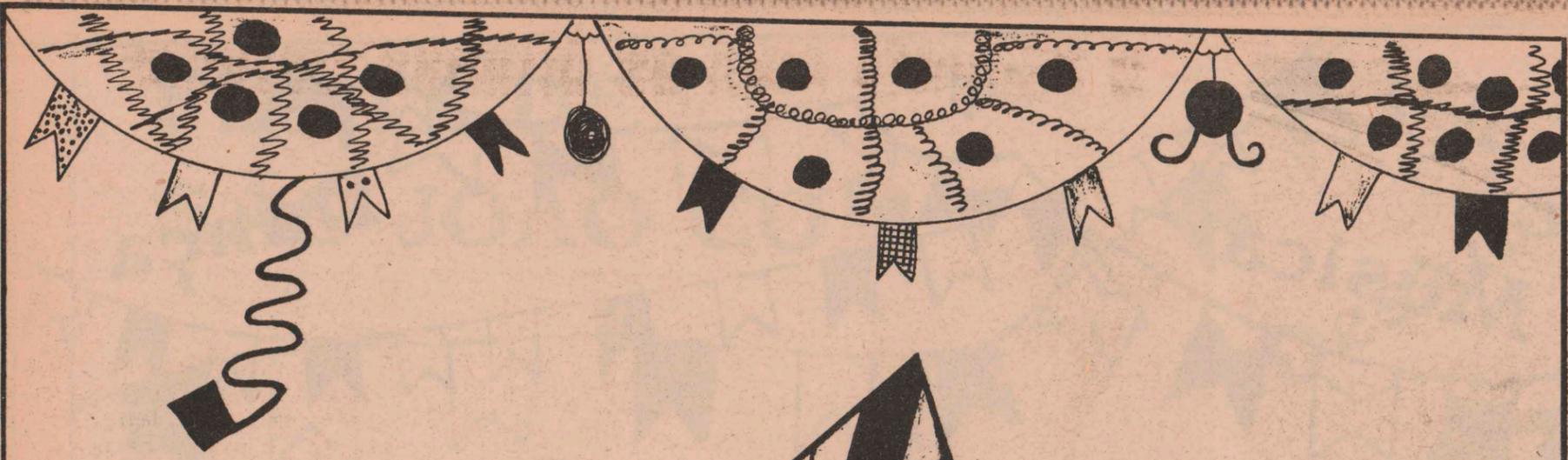
Coro:
Desde treze a vinte e nove
Que se ouve o espoucar
De bombinhas, de foguetes,
Estourando pelo ar.

E nas roças nesses dias
Se festeja a noite inteira,
E à meia-noite certa
Vem o pulo da fogueira

Santo Antônio é o primeiro
São João espera a vez,
E, São Pedro derradeiro
Se festeja ao fim do mês.

E nas cinzas bem quentinhas
Vai-se assando com cuidado,
Aipim, batata doce.
Que se come com melado.





Jogos

Sugestões de jogos valendo prendas, para o dia da festa junina:

Acertar no alvo — Cada jogador recebe três bolinhas e, de uma certa distância, procura jogá-las dentro da boca de um grande caipira, desenhado em cartolina.

Catar amendoim — Cada criança deve apanhar, com uma colher, cinco amendoins colocados à sua frente, a uma certa distância, e levá-los para seu lugar, junto à linha de partida, um de cada vez. Vence quem primeiro reúne os cinco grãos.

Corrida de funis — Introduzir numa corda dois funis, com a parte mais fina voltada para um lado feito no centro. Os jogadores terão que, apenas soprando, levar os funis até o laço.

Colocar bigode no caipira — Desenhar o rosto de um caipira. Cada jogador, de olhos vendados, tentará colocar um bigode. Vencerá o que mais se aproximar do objetivo.

Corrida do Saci — Riscar, no chão, duas linhas paralelas e a de chegada. Ao sinal combinado as crianças saem pulando num pé só, em direção à linha de chegada.

Corrida de sacos — Semelhante à corrida de Saci, fazendo cada jogador o percurso com corpo enfiado num saco, bem preso à cintura.

Ovo na colher — Cada criança corre equilibrando um ovo cozido (tomate ou batata) numa colher.

Corrida de três pés — Cada jogador amarrará a perna esquerda à direita do parceiro e, assim, pularão até a linha de chegada.



Comida e bebida

Lembremo-nos que a festa junina é folclórica; não permitamos deturpações. É assim que se perde uma tradição tão antiga.

As comidas devem ser "nossas".

— Pamonhas, canjicas, curau, cocadas, bebidas, sequinhos, papos-de-anjo, tapioca, cará, aipim, quindins, melado, rapadura, pé-de-moleque, doce de abóbora, pão-de-ló, roletes de cana, batata assada, espigas de milho e outras típicas da região onde a festa se realiza;

— Caldo de cana (garapa), guaraná (autêntico); refrescos de frutas, mate quente ou gelado, café; para os adultos, o quentão, a branquinha, os licores (abacaxi, pêssego, jaboticaba, leite, rosas, hortelã, aniz, etc. . .)

